

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A QUALIDADE DA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA E O USO MATERNO DO
SMARTPHONE

SOFIA SEBEN COLOGNESE

Porto Alegre
Fevereiro, 2023

SOFIA SEBBEN COLOGNESE

A QUALIDADE DA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA E O USO MATERNO DO
SMARTPHONE

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia sob orientação da Prof.^a. Dra. Giana Bitencourt Frizzo

Porto Alegre
Fevereiro, 2023

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação resume o extenso trabalho de dois anos de mestrado. Nestes dois anos, cresci tanto pessoal e profissionalmente. O tema dessa dissertação teve como inspiração o que eu sigo acreditando há muito tempo, isto é, de que os vínculos constituem o que há de mais extraordinário e valioso na vida. E agora chegou o momento de agradecer aqueles que tornam a minha vida mais extraordinária e valiosa. A vocês que caminharam comigo e participaram do meu percurso no mestrado:

Agradeço a Deus, por me dar alegria nesta trajetória, por abrir as portas para mim e por ser o meu socorro bem presente nos momentos de angústia.

A minha orientadora, a Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo. És uma orientadora e pessoa exemplar. Obrigada pela paciência, por todos os ensinamentos, pelas supervisões sensíveis sobre um tema tão sensível e ao mesmo tempo complexo. Também por confiar nas minhas ideias no transcorrer dessa construção. A tua empatia e entusiasmo foram determinantes para o resultado final alcançado. Agradeço ainda pelo acompanhamento, que não para por aqui. Que sigamos trabalhando em prol da primeira infância por muitos anos ainda!

Agradeço à banca examinadora, Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini, Profa. Dra. Tagma Schneider Donelli e Profa. Dra. Gabriela dal Forno Martins pelo aceite em compor a banca da minha defesa, e pelo interesse neste tema de pesquisa. Além disso, agradeço à Profa. Dra. Patrícia Alvarenga pelas ricas trocas durante a qualificação. A sabedoria e contribuições de todos vocês foram e estão sendo essenciais neste processo.

Agradeço aos meus pais Janice e Sergio pelo amor inigualável. Obrigada pelo ensinamento de valores, de integridade e de determinação. Me sinto honrada de ser vossa filha e de pertencer a esta família tão preciosa. Obrigada pelo apoio, pelo sustento e por sempre apostarem em mim. Sem vocês esta conquista não seria possível.

Ao meu querido Diogo, pelo afeto, compreensão e suporte constante. Obrigada por acreditar em mim e nos meus sonhos.

A minha amada irmã Louise e ao meu cunhado Vinicius. Obrigada pelo companheirismo e por serem exemplo de profissionais dedicados e seres humanos. Que sigamos compartilhando e traçando bons caminhos! Sis, te amo com todas as forças.

Ao meu orientador do mestrado sanduíche, Dr. Dillon Browne. Obrigada por ter me acolhido desde o início e por todas as oportunidades fornecidas. És uma pessoa e professor excepcional, com um conhecimento imensurável. Eu aprendi e sigo aprendendo muito contigo.

Você é o espelho de uma psicologia que eu desejo seguir: baseada na ética, na ciência e na constante dedicação. *I am forever grateful for everything, Dillon.*

Às colegas do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês (NUFABE), em especial à Fernanda Martins Marques, parceira de coleta de dados, e Manoela Yustas Mallmann, que auxiliou nas análises dos dados da dissertação. O vosso companheirismo, ajudou a tornar essa jornada mais suave e alegre.

Aos colegas do *Whole Family Lab* da University of Waterloo, por terem composto parte da minha família canadense. Em especial à Jasmine Zhang. Obrigada pelo suporte durante minha estadia no Canadá. Além de uma parceira acadêmica, você se tornou uma grande amiga. Agradeço por todas as experiências canadenses. *Thank you, Jasmine.*

Aos colegas e amigos do mestrado, em especial aos do "Grupo de Concepções": Andrielly, Adams, Ana Patrícia, Ana Paula e Fabiano. Obrigada pelos desabafos, reuniões e compartilharem comigo dos melhores e mais desafiadores momentos dessa jornada.

Aos meus amigos/as, que estão sempre torcendo por mim e me apoiando.

Ao Antônio Machado, pelas consultorias estatísticas que possibilitaram as análises dos resultados desta pesquisa.

SUMÁRIO

1. CAPÍTULO I.....	8
Introdução.....	8
1.1 Apresentação.....	8
1.2 A primeira infância e a interação mãe-criança.....	9
1.3 O uso materno do <i>smartphone</i> na atualidade.....	16
1.5 A qualidade da interação mãe-criança e o uso materno do <i>smartphone</i>	20
1.5 Justificativas e objetivos.....	27
2. CAPÍTULO II.....	29
Estudo: A qualidade da interação mãe-criança e o uso materno do <i>smartphone</i>	29
3. CAPÍTULO III.....	31
Considerações finais.....	31
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	55

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O estudo desenvolvido na presente dissertação é parte integrante de um projeto maior, do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Crianças e Bebês (NUFABE/UFRGS), denominado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (Frizzo et al., 2017). Tem por objetivo geral investigar como as mídias digitais têm sido utilizadas nas famílias de crianças de até 3 anos e qual a influência do uso dessas mídias digitais para o desenvolvimento das crianças.

O tema das mídias digitais na infância é um tanto quanto complexo, misterioso e ao mesmo tempo fascinante, tal como é escrever uma dissertação de mestrado. A inserção da autora do presente trabalho no projeto mais conhecido por todos como 'Tecnologias' se deu num importante momento da sua trajetória acadêmica, o período da finalização do curso da graduação e escrita do trabalho de conclusão de curso. O tema das interações familiares sempre foi caro à autora desde o início da sua carreira acadêmica, sendo que durante toda a graduação se envolveu em projetos de pesquisa com temas relacionados. Entretanto, diante dos novos contextos sociais e culturais que circundam e são moldados pelas famílias, surgiu uma curiosidade pela temática do uso das mídias digitais, culminando na sua inserção no grupo de pesquisa NUFABE. Em seu trabalho de conclusão de curso investigou as relações entre a saúde mental materna, a qualidade da interação mãe criança e o uso das mídias pelas crianças e cuidadores. Desde então, visualizou uma importante lacuna na literatura e uma necessidade de explorar aspectos ainda não contemplados nas pesquisas pelo NUFABE até então, o que culminou no tema da desta dissertação.

A digitalização da população, desde os pequenos até os idosos, é um fenômeno que tem chamado a atenção de pesquisadores e profissionais da saúde nos últimos anos. Tem-se tido um olhar particular para o uso das mídias digitais na primeira infância, pois se configura como um período sensível para o desenvolvimento da arquitetura do cérebro, que fornece base para o aprendizado, saúde e comportamento futuros, além de ser um período de intensa vinculação entre as crianças e seus pais/cuidadores. A maioria dos estudos nessa faixa etária centram-se em investigar o uso (tempo, contexto e conteúdo) feito pelas crianças e desfechos negativos nos domínios linguístico, cognitivo e motor, além de no sono e na alimentação das crianças. No entanto, sabe-se que especialmente nos primeiros três anos de vida, relações iniciais de qualidade são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança, e de que os cuidadores

desempenham um papel central para que isso ocorra satisfatoriamente. Apesar disso, ainda são limitadas as pesquisas que analisem o uso das mídias digitais feito pelos cuidadores durante as interações, e se e de que forma esse uso pode impactar a qualidade da interação mãe-criança nos estágios iniciais da vida. Assim sendo, a presente pesquisa tem por objetivo geral explorar a qualidade da interação mãe-criança no uso materno do *smartphone*. De modo a alcançar este objetivo, tem-se: avaliar se há diferenças na qualidade da interação mãe-criança entre a condição materna de (1) uso do *smartphone* e (2) leitura de revista em papel.

A revisão da literatura dessa dissertação foi dividida em seções na introdução, de modo a organizar os diferentes tópicos a serem contemplados. Inicialmente, o tópico - A primeira infância e a interação mãe-criança - trata de discussões teóricas e estudos empíricos da psicologia e da psicanálise acerca da importância da qualidade da interação mãe-criança para o desenvolvimento emocional da criança. A segunda seção - o uso materno do *smartphone* na atualidade - abordará as últimas evidências científicas acerca do uso (tempo, modos e motivos) das mídias digitais por mães durante as interações com os seus filhos. Em seguida, na terceira seção intitulada - A qualidade da interação mãe-criança e o uso materno do *smartphone* - serão apresentados os principais achados científicos acerca do uso materno da mídia digital durante as interações mãe-criança, e os possíveis impactos desse uso nos comportamentos maternos e infantis e na qualidade da interação mãe-criança.

1.2 A primeira infância e a interação mãe-criança

A primeira infância compreende a fase dos 0 aos 6 anos (Brasil, 2016). Em especial, os primeiros 3 anos de vida da criança, também chamado primeiríssima infância, se configuram como uma etapa fundamental na vida do ser humano para que ele possa realizar o seu potencial ao longo da vida. É descrita por diversas áreas do conhecimento como a ‘janela de oportunidade’, porque nela a aprendizagem de habilidades acontece com maior facilidade (Kisil & Fabiani, 2015). Autores demonstram que as crianças estão evoluindo fisicamente nos primeiros anos, mas também potencializando as suas aptidões cognitivas, linguísticas, sensório-motoras e de autorregulação (Ding et al., 2014; Sameroff, 2009; Saur et al., 2018; Spinelli et al., 2017).

As evidências científicas mostram que o cérebro se desenvolve rapidamente nos primórdios da vida (Center on the Developing Child at Harvard University [CDCH] 2017; Gilmore et al., 2018). Nesse contexto, o estímulo externo, como o ambiente em que a criança está inserida, pode ser um fator de proteção para a sua saúde (Bernier et al., 2016). Um dos

primeiros ambientes que circunda a criança durante a infância é o contexto familiar. Nessa conjuntura, o cuidador principal da criança desempenha um importante papel na continuação do seu desenvolvimento. Uma ampla literatura da psicologia e da psicanálise, abordando aspectos das relações iniciais diádicas cuidador-bebê, apoia a noção de que essas interações são fundamentais para o desenvolvimento da criança, especialmente em termos emocionais (Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1979; Bowlby, 1979; Bowlby, 1988/1989; Bowlby, 1997/1979; Brazelton & Cramer, 1990/1992; Stern, 1995/1997; Winnicott, 2006/1987).

Dentre esses conhecimentos teóricos, a teoria do apego, de John Bowlby e Mary Ainsworth, se configura um modelo congruente para fundamentar as noções acerca da natureza das interações entre cuidador-criança (Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1979; Bowlby, 1988/1989). A teoria do apego postula que subsiste dentro de um bebê uma necessidade inata de conexão afetiva a um agente principal. No início da vida esse agente comumente se refere à mãe, por ser a figura que geralmente desempenha os cuidados diários do bebê (Bowlby, 1988/1989) ainda atualmente (Craig & Mullan, 2011), mas não se restringe a ela.

Portanto, além da satisfação de necessidades biológicas, como a da fome, o ser humano possui uma demanda de instauração e manutenção de contato emocional com um outro, que será a sua figura de apego (Bowlby, 1979/1997). De modo a sistematizar os níveis de qualidade da relação entre mãe e criança, pode-se pensar nos tipos de apego que a criança pode formar a partir do contato com o cuidador (Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1979).

O padrão de apego seguro representa uma interação entre mãe e criança de alta qualidade. Pode ser descrito como o tipo de apego em que a criança se sente querida, aceita e (Ainsworth et al., 1978). Isso ocorre conforme a mãe se disponibiliza em cuidar de forma contínua, proporcionando uma sensação de segurança ao filho. Ela está atenta às mensagens da criança, empenhada em se comunicar e demonstrar afeto positivo para o filho, como sorrir, abraçar e se entusiasmar nas atividades da criança.

Essa conduta materna é de suma significância, pois quando a criança considera a sua mãe como alguém que estará disponível a ajudá-la e protegê-la, ela poderá se sentir confiante em explorar e conhecer o mundo de forma ativa (Woodhouse et al., 2019). A exploração do ambiente engloba crianças que exploram o ambiente se locomovendo ou observando visualmente para o espaço ao seu redor. Durante uma brincadeira ou uma atividade, essas demonstram interesse em segurar o brinquedo em suas mãos, demonstrando curiosidade no objeto (Ainsworth et al., 1979).

Em linha com isso, sabe-se crianças tendem a explorar o seu ambiente e a experimentar diversas emoções quando confiam que seu cuidador será atento e reativo, característica de um apego seguro (Bowlby, 1979; Bowlby (1997/1979; Drake et al., 2014; Sroufe, 2000). Caso a criança se desregule emocionalmente, ela reconhece que pode se voltar para o cuidador para restabelecer equilíbrio emocional. Portanto, a criança necessita de uma combinação ponderada de exploração independente do espaço, ao mesmo tempo que recebe subsídios e incentivo suficientes para isso. Tal equilíbrio pode promover interações de alta qualidade entre mãe e criança, quando cuidadores demonstram afeto e carinho, respondem aos pedidos de atenção, encorajam à autonomia e providenciam incentivo quando necessário (Ainsworth et al., 1978; Powell et al., 2014).

Uma criança que vivencia uma relação de segurança com o cuidador pode desenvolver autonomia para interagir de forma confiante com os outros. Isso pode favorecer o seu envolvimento social positivo (Bigelow & Power, 2014), verificado na sua iniciativa para iniciar ou para manter uma interação (Biringen & Robinson, 1991; Brazelton & Cramer, 1990/1992). Segundo Biringen & Robinson (1991) as crianças que se interessam em engajar a mãe na interação ou brincadeira demonstram níveis altos de envolvimento com o cuidador. Essas crianças muitas vezes não estão satisfeitas em brincar ou vivenciar experiências isoladamente, e convocam a sua mãe para integrar parte de uma interação (Biringen & Robinson, 1991). Sem dúvida, a criança pequena é dotada de capacidades sensório-motoras, sendo capaz de sentir os sinais maternos e de se preparar para responder ativamente ao seu ritmo (CDCH, 2017).

E estas reações, por sua vez, moldam as do cuidador, estabelecendo um ciclo de interação. Desta forma, as interações adulto-criança envolvem como os comportamentos e afetos do cuidador podem moldar os comportamentos e afetos do filho, e esses por sua vez, afetam os do cuidador, num ciclo de influências recíprocas (Brazelton & Cramer, 1992; Shin et al., 2008; CDCH, 2017).

Mais recentemente, o conceito de “ação-e-reação”, tem sido explorado na literatura de modo a conceituar esse processo. O Center of the Developing Child da University of Harvard (CDCH) aponta que quando o adulto responde aos sinais da criança, ele conseqüentemente fornece um ambiente rico em vivências para ela, o que contribui para que ela continue o ciclo da interação (Brazelton & Cramer, 1992; CDCH, 2017). Vínculos com muitas trocas de interação e presença sensível do cuidador são considerados de alta qualidade e são fundamentais tanto para o cuidador quanto para a criança, pois potencializam o prazer e

competência parental (CDCH, 2017), como domínios do desenvolvimento cognitivo e da linguagem infantil (Deans, 2020).

Um dos mais fortes preditores da alta qualidade de relacionamento entre cuidador e o filho se refere à sensibilidade materna¹ (Ainsworth et al., 1978). Para que a manutenção da qualidade da interação mãe-criança e o avanço do desenvolvimento da criança ocorram satisfatoriamente, é essencial que a mãe possa, de forma dinâmica e empática, se adaptar e atender às necessidades do filho (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1979). Se adaptar e atender às necessidades de uma criança implica ao adulto perceber os sinais que ela está emitindo. Outra característica de mães sensíveis diz respeito a sua capacidade de interpretar de forma apropriada a demanda, e por conseguinte, reagir de forma adequada e sensível à criança (Ainsworth et al., 1978). A sensibilidade materna pode ser contemplada em interações nas quais a criança verbaliza, gesticula, chora, olha e se aproxima da mãe. E essa última, por sua vez, atende de forma compatível, por exemplo, olhando de volta para ela, se comunicando verbalmente, sorrindo, pegando-a no colo ou brincando com ela (Sumner & Spietz, 1994).

Mães sensíveis não necessariamente estão constantemente interagindo com o seu filho, pelo contrário, reconhecem que o modelo favorável de interação é centrado na criança (Paley et al., 2001). Isto significa que ela sabe conduzir as interações no intuito de que a criança conduza as ações e possa ser um agente ativo nas trocas. Sendo assim, a mãe atua de forma a manter o seu filho envolvido e curioso, e ela demonstra estar contente e implicada nas atividades e expressões do filho. Mas caso o filho manifeste desinteresse ou desengajamento, ela muda o ritmo, propondo uma atividade diferente e cativante de modo a reengajar o filho novamente. Segundo Brazelton & Cramer (1992) bebês pequenos demonstram altas capacidades de tomar iniciativas nas interações, sinalizando para o cuidador as suas curiosidades e vontades. Esse processo, então, modula a continuação ou descontinuação de um momento de interação, formando a estrutura de um ciclo interativo.

Interações nas quais as mães reconhecem agilmente e acolhem contingentemente os sinais da criança, podem contribuir para que a criança se sinta segura de que o seu cuidador estará disponível emocionalmente para acolhê-la, caso ela precise reabastecer suas necessidades emocionais (Birigen, 2000). Em tais condições favoráveis, a criança desenvolverá recursos para posteriormente interpretar, expressar e autoregular os seus afetos positivos e negativos (Sameroff, 2004). Em termos conceituais, pode-se distinguir o afeto

¹ A literatura aponta para termos correlatos, como responsividade materna (De Wolf & van IJzendoorn, 1997) e disponibilidade emocional (Mahler et al., 1975). Para fins de sistematização, o presente trabalho empregará o termo sensibilidade, exceto quando outros autores optarem por algum termo distinto.

infantil em afeto negativo e afeto positivo. O afeto negativo infantil se refere a demonstração de descontentamento, inquietação, vocalizações negativas ou choro (Paley et al., 2001). Já o afeto positivo compreende comportamentos em que a criança apresenta vocalizações positivas, ela sorri e dá gargalhadas, ela abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto para o cuidador (Paley et al., 2001). Também é expresso em uma aparência confortável da criança durante a interação, mesmo na ausência de expressões positivas (Kochanska & Aksan, 1995). De acordo, a metanálise com 72 estudos de Cooke et al. (2019) demonstrou que crianças com apego seguro tendem a experimentar mais afeto positivo, menos afeto negativo e são mais capazes de regular as suas emoções. Além disso, segundo Puura et al. (2019) o envolvimento da criança com o cuidador pode estar relacionado a mais afeto positivo compartilhado entre a díade, pois crianças que interagem com o cuidador podem ter mais trocas de olhares, o que pode ser uma oportunidade para que expressões positivas sejam manifestadas.

As relações que envolvem cuidadores interessados e nas quais as intenções da criança são valorizadas, não só favorecem o período de progressos na durante a infância, mas corroboram para a fundação do desenvolvimento socioemocional posterior (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1989/1988). Regulares interações positivas na infância aumentam a probabilidade de a criança internalizar emocionalmente esta organização operacional, auxiliando no desenvolvimento de representações de apego seguro em outros relacionamentos ao longo do ciclo vital (Ainsworth, 1978; Schoenmaker et al., 2015).

Por outro lado, no caso de escassez ou instabilidade de momentos positivos entre cuidador e criança, a saúde infantil está em potencial ameaça (CDCH, 2017). Quando a criança não é regularmente recebida de forma sensível pelo seu cuidador, o desenvolvimento cerebral e de habilidades essenciais para o amadurecimento da criança podem ser prejudicados (CDCH, 2017). Interações instáveis ou insensíveis podem contribuir para a formação do apego inseguro (Spruit et al., 2020), pois a criança pode prever cuidados mal adaptados e não sensíveis, de que os cuidadores não são uma fonte confiável (Ainsworth, 1979). Ao longo prazo, esse estilo de interação desde a tenra idade, pode se traduzir em fatores de risco para psicopatologias, como bipolaridade ou esquizofrenia (Herstell et al., 2021).

Em relação ao apego inseguro ainda, durante os anos iniciais ele acompanha a sensação de medo e de ansiedade pela criança. Trata-se de um tipo de vínculo em que os cuidadores atuam com falta inconsistência de sensibilidade materna. Mães menos sensíveis ou insensíveis não correspondem às necessidades da criança, interrompem a criança em interação, invalidam o estado afetivo da criança ou que super-estimulam a criança de forma intrusivos (Ainsworth

et al., 1978; Ariav-Paraira et al., 2022; Gedaly & Leerkes, 2016). Evidencia-se um exemplo de apego inseguro quando a criança sinaliza que precisa de ajuda para se acalmar, e há uma incompatibilidade por parte do cuidador em responder. Ele pode ou desconsiderar a necessidade da criança, agir de forma não empática, abrupta ou agressiva, demonstrando afeto negativo para a criança. Além disso, cuidadores que superestimulam ou são intrusivos podem tentar manipular os comportamentos da criança, encorajando-a a se conformar com seus próprios interesses, o que pode comprometer o desenvolvimento da autonomia da criança (Biringen & Robinson, 1991). Crianças com este vínculo podem acabar por buscar pouca conexão com um cuidador e até podem explorar o seu redor, mas sentem-se menos confortáveis ao fazê-lo (Ainsworth et al., 1978).

Quando o padrão de interação que o cuidador oferece se torna inconsistente, insensível ou distante, um clima interno de insegurança emocional se instala (Ainsworth et al., 1978). Nesses cenários, a criança pode reagir com expressões de afeto negativo para manter conexão com o cuidador. Na revisão de meta-análise de Cooke et al. (2019), sobre o apego cuidador-criança e as experiências da criança em regular as emoções, os autores encontraram que as crianças com apego inseguro ou desorganizado com o cuidador tem maior chance de experimentar menos afeto positivo e mais afeto negativo. Ademais, os autores mostraram diferenças de gênero na expressão das emoções das crianças. Segundo a meta-análise de Chaplin & Aldao, (2013), as meninas apresentam mais emoções positivas e estão em maior risco para problemas de comportamento internalizantes, envolvendo emoções negativas como a tristeza e a ansiedade. Já os meninos tendem a ter comportamentos mais externalizantes, expressando emoções como a raiva.

Nesse sentido, cabe pensar que as condições psicossociais maternas, como a renda materna, podem influenciar a qualidade dos comportamentos maternos e consequente interação mãe criança. Mães em situações socialmente vulneráveis podem ter acesso a menos recursos e ter mais predisposição a problemas de saúde mental (Knoblauch et al., 2019). No cuidado com os filhos, isso pode se traduzir em dificuldades ligadas às tarefas da parentalidade (Alvarenga et al., 2022), padrões de interação mãe-criança com menos sensibilidade, ter menos informações sobre características do desenvolvimento da criança (Alvarenga et al., 2018). Por outro lado, mães em condições socioeconômicas altas podem ter mais tempo com os seus filhos e para acessar conteúdos sobre o desenvolvimento infantil, e sofrer menos estresse psicológico, o que pode contribuir para interações e práticas parentais mais positivas com os filhos (Kalil & Ryan, 2020).

Em vista das complexas dinâmicas na interação mãe-criança, no campo de estudos da relação materno-infantil, observações dos comportamentos da dupla mãe-criança são alvo de interesse de pesquisadores há muitas décadas. Desta forma, o psicólogo Edward Tronick desenvolveu o experimento *still-face*, ou rosto imóvel, que consiste num procedimento de análise dos padrões de ação e reação durante a interação diádica (Tronick et al., 1978). Esse experimento simula a falta de respostas maternas, ou seja, menor sensibilidade materna e expressões faciais e afetivas neutras, análogas a situações de depressão materna. Ele é composto por três fases, sendo que a primeira envolve um momento de brincar livre, no qual os cuidadores são instruídos a se envolver em interações normais com seus bebês. A segunda fase consiste no “rosto imóvel”, em que o cuidador adota uma expressão facial neutra e não responde às tentativas da criança de interagir com ele. E a fase final é a do retorno, quando o adulto volta ao envolvimento normal com a criança.

Durante a fase do rosto imóvel, é comum a criança manifestar expressões faciais negativas, chorar, demonstrar estresse e tentar convocar a mãe a interagir. Tronick et al. (1982) também demonstraram que os bebês com mães sensíveis foram mais capazes de regular as emoções durante a fase de rosto imóvel e se recuperaram mais rapidamente durante o reencontro, em comparação aos bebês com mães menos sensíveis. Este experimento corrobora a ideia do caráter complexo e recíproco da comunicação entre mãe-criança. A mãe e o bebê podem alterar os estados comportamentais e afetivos um do outro, o que, por consequência, pode alterar a sincronia da interação (Tronick, 1989), mas essa sincronia também é afetada pela qualidade anterior da relação entre a dupla.

Além disso, ao longo do seu desenvolvimento os bebês vão se tornando cada vez mais receptivos a padrões interativos com parceiros familiares e, quando déficits interativos são introduzidos - como é o caso da situação *still face* - os bebês podem ficar angustiados (Tronick, 1989). Tronick e Beeghly (2011) indicam que os pais e mães devem trabalhar para reparar tais déficits para ajudar os bebês a alcançar um estado emocional regulado. Em contrapartida, na ausência de reparo, os bebês provavelmente experimentarão sofrimento contínuo e, à medida que essas falhas interativas se acumulam ao longo do tempo, podem, por sua vez, levar a problemas de desenvolvimento e na relação com o cuidador (Tronick & Beeghly, 2011).

Até o presente momento o paradigma *still-face* é amplamente empregado em pesquisas com enfoque na primeira infância, em situação de depressão pós-parto (Asselmann et al., 2018), no contexto da prematuridade infantil (Ginnell et al., 2022), e do de transtorno do espectro autista (Qui et al., 2020). Desta forma, aponta-se que este procedimento segue sendo

um relevante e oportuno modelo teórico de avaliação dos comportamentos maternos e infantis durante a interação, interação mãe-bebe em diversos contextos e situações.

Atentando para as evidências expostas, torna-se relevante aprofundar as particularidades e mudanças da interação mãe-criança na contemporaneidade, momento histórico em que a presença das mídias digitais tem moldado a forma com que o ser humano interage com o outro. Nesse sentido, a próxima seção versará acerca do uso materno do smartphone.

1.3 O uso materno do smartphone na atualidade

O uso de mídias digitais tem crescido consideravelmente nos últimos anos em todo o mundo. A definição de mídias digitais diz respeito aos dispositivos, formatos e/ou métodos de comunicação que fornecem conteúdo a partir de sinal digital, como a internet e redes de computadores (APA; <https://psycnet-apa-org/thesaurus/item?term=digitalmedia>, recuperado em maio de 2022). Contemplam-se, como exemplo, as redes sociais, *videogames*, *e-books*, *smartphones*, *tablets*, aplicativos, vídeos do *youtube*, televisão. Na literatura científica são encontrados diversos termos para designar mídias digitais, tais como tecnologias, tecnologias *touchscreens*, *smartphones*, celulares, *tablets*, mídias passivas, mídias ativas, dispositivos móveis, entre outros. Na presente pesquisa será utilizado especialmente o termo *smartphone* e mídias digitais, exceto quando os autores de outros trabalhos optarem por enfatizar algum tipo específico de mídia.

Compilados recentes da pesquisa Global Mobile Market Report (Newzoo, 2020) sugerem que o Brasil está entre os primeiros países em termos de proporção de celulares para o número de habitantes. Na época em que a pesquisa foi realizada, um total de 109 milhões de usuários possuíam acesso a esses aparelhos, incluindo crianças, pais e mães. Sem dúvidas, as famílias brasileiras com crianças pequenas têm vivenciado um cotidiano repleto de mídias digitais (Almeida, 2022, Azevedo et al., 2022; Sebben et al., 2023; Nobre et al., 2019). Dados sobre tempo de uso mostram que os genitores, em especial as mães, passam um tempo considerável utilizando algum tipo de mídia digital. Os resultados de pesquisas apontam para uma variação de 3 a 4 horas por dia (Poulain et al., 2019; Zhang et al., 2022).

O uso crescente e frequente das mídias digitais por mães pode ter embasamento no rápido avanço tecnológico, o que tem tornado esses recursos cada vez mais acessíveis e multifuncionais (Chassiakos et al. 2016). Esses artifícios, que agrupam inúmeros aplicativos e recursos num único dispositivo, demonstram facilitar diversos aspectos do cotidiano, como entretenimento, busca de informações, monitoramento de saúde, compras etc. Além de serem

amplamente utilizadas nas residências (Pew Research Center, 2017), a maioria são portáteis e permitem acesso à Wi-Fi e 4G. O que possibilita com que as mídias digitais sejam conectadas por mães de crianças pequenas em praticamente qualquer lugar e a qualquer hora. Dada a presença constante das mídias na vida cotidiana na atualidade, cabe pensar nos momentos e situações em que as mães de crianças utilizam os seus smartphones.

Mães de crianças pequenas usufruem das mídias digitais para tirarem fotos e eternizarem momentos (Kellershohn et al., 2018), bem como para auxiliar a organização da rotina familiar (Mangan et al., 2018). Faz-se menção também ao fato de as mães ampliarem as suas possibilidades profissionais na atualidade, em que podem trabalhar ou estudar em *home office* (Ali et al., 2020; Hiniker et al., 2015). Ademais, os celulares *smartphones* revolucionaram a comunicação. O uso do celular possibilita às mães socializarem virtualmente com parentes e amigos distantes, bem como para buscar suporte ou em alguma situação de emergência (Mangan et al., 2018). As mães também têm empregado as mídias durante momentos de rotina e cuidado com os filhos. Estudos pontuam o envolvimento das mães com as mídias digitais em momentos as brincadeiras, mas também em outros ambientes, como restaurantes (Radesky et al., 2014; Linder et al., 2022), em recepções de consultório e parques infantis (Vanden Abeele et al., 2020). Tendo isso em vista, cabe fazer menção às motivações maternas para que as mães estejam conectadas a alguma mídia quando estão com os filhos.

Evidências recentes indicam que muitos cuidadores, em especial as mães, se aliviam do agitação e do tédio envolvendo os cuidados com os filhos usando alguma mídia digital (Radesky et al., 2016b). O estudo canadense de Zhang et al. (2022) avaliou as relações entre o sofrimento psicológico de 1098 cuidadores, o seu uso de tecnologia e aspectos da parentalidade por meio de questionários. Os autores concluíram que cuidadores menos angustiados eram mais propensos a usar a mídia para manter conexões sociais, o que foi associado a práticas parentais mais positivas e menos negativas. Além disso, muitas mães encontram no uso das mídias um alívio para as dificuldades relacionadas à tarefas parentais, como a amamentação (Coyne et al., 2022).

Sobre as perspectivas dos cuidadores acerca do seu uso das mídias digitais, muitos relatam se sentirem menos presentes nas interações quando usam os seus dispositivos móveis (Hiniker et al., 2015). Em consonância, eles percebem que aproveitam as atividades e tempo em família quando o *smartphone* não está em cena (Radesky et al., 2016a). Outros se sentem exaustos pela constante conectividade, e outros tem sentimentos conflituosos, pois ao mesmo tempo em que usam as mídias como uma fuga, não o consideram o comportamento mais

saudável (Radesky et al., 2016b). Sabe-se que cuidadores podem utilizar tais recursos como um escape virtual. Relatório breve de 296 cuidadores (pais e mães) americanos de crianças de 3-6 anos responderam a pergunta sobre seus sentimentos e acontecimentos acerca da última vez que utilizaram o smartphone quando estavam se sentindo estressados (Torres et al., 2021). Os pais relataram recorrer ao celular para se acalmarem e para não agredirem verbal e fisicamente os seus filhos. Nessa senda, cuidadores de crianças pequenas já mostraram se afastar das interações presenciais com o uso da mídia devido à dificuldade familiares, por exemplo em ter que lidar com os problemas de comportamento dos filhos (McDaniel & Radesky, 2018a) ou para evitarem conflitos familiares (Radesky et al., 2016b).

Embora a literatura apresenta dados acerca da mídia digital como um instrumento vantajoso para as famílias na atualidade, constata-se que a onipresença desses recursos em momentos de interação familiares é um aspecto de preocupação de estudiosos mundo afora. Isso em virtude de que a conexão com um outro presente pode ser interrompida em favor do uso da mídia digital (Sbarra et al., 2019). Gergen (2002) descreveu esse fenômeno como “presença ausente”, pois a pessoa pode estar fisicamente presente, mas muito provavelmente está desatenta e não responsiva a outra pessoa com a qual interage. No contexto familiar, particularmente, o uso das mídias pelos pais e mães pode resultar em mudanças das interações presenciais tradicionais com os seus filhos para interações baseadas em alguma tecnologia (Almeida, 2023; Stern & Messer, 2009).

De modo a sistematizar o conhecimento na área e definir o uso materno do *smartphone*, alguns principais conceitos têm sido utilizados por autores nas pesquisas atuais, tais como absorção, tecnointerferência, nível do uso de mídias digitais por pais e mães e distração parental. As principais diferenças entre os termos fazem menção à duração do tempo e frequência de uso, além de destacar o objeto primário de atenção do usuário. A absorção significa retirar a atenção do ambiente/ interação e focar no dispositivo móvel (Radesky et al., 2014). A tecnointerferência, do inglês *technofence*, se refere à interrupção da interação presencial pelo uso da tecnologia (McDaniel & Coyne, 2016), como por exemplo simultaneamente responder a um SMS enquanto está conversando pessoalmente com alguém. Embora a tecnointerferência se refere à interrupção da comunicação, a absorção capta os aspectos de desviar o olhar ou o rosto do parceiro de comunicação, voltado para o dispositivo por períodos prolongados. Já Blackman (2015) conceituou a distração parental com telas como “os momentos nos quais pais/mães cuidadores estão distraídos de desempenhar comportamentos associados ao papel de pai/mãe devido ao envolvimento com um dispositivo

de tela”. Sendo assim, o presente estudo utilizará o termo tecnointerferência, dado a finalidade de explorar a interferência da tecnologia na qualidade das interações mãe-criança.

Tendo em vista o crescente impacto que a temática do uso das mídias digitais feito por cuidadores está tomando nos espaços científicos, é relevante descrever as recomendações das entidades de saúde acerca do uso de mídias digitais pelos cuidadores de crianças pequenas. As diretrizes sobre uso de mídias digitais por parte de cuidadores são relativamente recentes. Até um determinado período, os órgãos competentes unificavam indicações exclusivamente sobre o tempo e contextos de uso infantil, estratificando de acordo com a faixa etária da criança (American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). A concentração de sugestões sobre o uso das crianças pode ser explicada pelas inúmeras publicações que apontam para associações positivas entre o uso das mídias por crianças e o comprometimento de domínios do desenvolvimento infantil, além de problemas na alimentação e sono (American Academy of Pediatrics, 2016; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Desta forma, no contexto da parentalidade com crianças, havia uma tendência de os debates públicos reiterarem veementemente os prejuízos desse uso (Wolfers et al., 2023). E, embora as recomendações servissem de assistência e alerta para os cuidadores, o amplo enfoque nos riscos poderia ter um efeito oposto ao pretendido, isto é, acarretar mais danos, como levar os cuidadores de crianças a sentirem culpa pelo seu uso (Wolfers et al., 2023).

No intuito de auxiliar os cuidadores de crianças pequenas a gerenciar o seu próprio uso, mais recentemente a *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* (2020), a *Canadian Pediatric Society* (2022) e o *Royal College of Paediatrics and Child Health* (2019) lançaram, entre outras, sugestões para o uso das mídias dos cuidadores. A *American Academy of Pediatrics* e a *Canadian Pediatric Society* sugerem que os cuidadores sejam um modelo saudável de uso de telas, pois as crianças aprendem pelo exemplo. Preconiza que os cuidadores desliguem os dispositivos durante tempo em família, quando não estão em casa, ou quando não estão em uso, e evitem deixar a televisão ligada no fundo. Já o *Royal College of Paediatrics and Child Health* apresentou sugestões mais reflexivas, de modo a incentivar os cuidadores a ponderar sobre o seu uso das mídias em casa e se esse uso das tecnologias seria capaz de interferir nas relações familiares e momentos de interação em família. Realmente, muitas mães e pais concordam que as mídias podem distanciá-los dos filhos (Hiniker et al. 2015). No entanto, tais recursos seguem cada vez mais presentes nas rotinas das mães quando estão com as suas crianças. Isso sugere que o uso da mídia digital sobreleva as recomendações de uso e possíveis riscos desse uso durante momentos presenciais com os filhos, possivelmente

modificando a dinâmica e qualidade dos relacionamentos entre cuidadores e filhos. Nesse sentido, a próxima seção versará sobre a qualidade da interação mãe-criança e o uso materno do *smartphone*.

1.4 A qualidade da interação mãe-criança e o uso materno do *smartphone*

As evidências científicas mostram que o uso materno do *smartphone* pode ocasionar mudanças na qualidade geral da interação mãe-criança, isto é, tanto nos comportamentos maternos quanto infantis. Com relação aos comportamentos maternos, dado que a sensibilidade compõe um dos principais preditores para o apego seguro e desenvolvimento emocional infantil, uma ampla literatura tem demonstrado que o uso do *smartphone* pela mãe pode diminuir os seus níveis de sensibilidade. Isso porque o uso materno do *smartphone* durante a interação pode fazer com que o foco de atenção da mãe esteja no dispositivo móvel, o que possivelmente reduz a sua capacidade de resposta para com às necessidades dos filhos (Lev & Elias, 2020), ou seja, supostamente reduz a sensibilidade materna. Nesse sentido, Wolfers et al. (2020) observaram 89 duplas mãe-criança num parque infantil dos Estados Unidos e concluíram que as mães que usaram o celular *smartphone* por um período mais longo foram as consideradas menos sensíveis. Por outro lado, eles não encontraram associações entre a frequência (número de vezes que a mãe usa o celular) do uso e mudanças na sensibilidade.

Similarmente, uma recente observação naturalística holandesa em salas de espera de consultórios e playgrounds avaliou 53 díades cuidador-filho (15 pais e 38 mães) (Vanden Abeele et al., 2020). Nas díades, computou-se o comportamento de mães/pais e filhos durante um total de 1.038 intervalos de dez segundos. As atividades dos cuidadores foram codificadas em: uso do telefone pelos pais (sim/não), intensidade do uso do telefone pelo cuidador (nenhuma, passiva, ocasional, exclusiva) e intensidade da atividade não dirigida pela criança (nenhuma, passiva, ocasional, exclusiva). A partir do instrumento de codificação desenvolvido para o experimento, pontuava-se a capacidade de resposta dos pais, pontualidade, força, valência positiva e se priorizava a criança. 23 cuidadores utilizaram o seu celular pelo menos uma vez durante a observação. Destacou-se que um uso passivo e absorto no telefone diminuía significativamente a sensibilidade parental, mas que ocasionalmente olhar para o telefone não. Apontou-se que durante o uso ocasional de *smartphones* nas interações, pais e mães podem ter desenvolvido um modelo singular de uso, em que ocorre um gerenciamento duplo entre a atenção à criança e ao celular.

Outra pesquisa avaliou as mudanças na qualidade dos cuidados parentais durante o uso da mídia durante uma refeição em família em um restaurante dos Estados Unidos (Linder et al., 2022). Participaram 93 díades cuidador-criança em que os autores utilizaram intervalos de 5 minutos para investigar mudanças na qualidade dos cuidados parentais. Eles avaliaram o engajamento (cuidador está atento, interessado e envolvido com a criança e suas necessidades), positividade (demonstração de afeto e emoções positivas por meio de abraços, sorrisos e tom de voz afetuoso) e negatividade parental (demonstração de afeto e emoções negativos por meio de ameaças verbais, comportamentos abruptos, expressões faciais e corporais tensas). Sobre as comparações entre sujeitos, cuidadores com maior uso de mídia diminuíram a sua positividade, mas não a negatividade e engajamento. Os cuidadores com maior uso de mídias não demonstraram diferenças significativas no engajamento ou negatividade com a criança se comparado com pais com menos uso de mídia. Já no modelo intra-sujeito, quando os pais demonstraram maior uso da mídia do que o seu uso típico, percebeu-se uma diminuição na qualidade do engajamento e positividade.

Ainda sobre observações naturalísticas, o estudo de Ochoa et al. (2021) observaram de forma anônima interações de 98 cuidadores mãe-criança estadunidenses em parques e praças de alimentação em bairros de baixa a média e alta renda no sul da Califórnia. Duas pesquisadoras observaram e codificaram os comportamentos em tempo real, sendo que uma observava o cuidador e outra a criança. As díades foram observadas por 10 segundos, seguido de um tempo de codificação de 20 segundos, depois observados novamente por 10 segundos, e assim por diante. Os achados demonstraram que, comparados aos cuidadores de não utilizavam as mídias digitais, os cuidadores que as utilizavam eram menos propensos a demonstrar afeto positivo, iniciar interações ou conversar com a criança.

No contexto domiciliar, uma pesquisa recente avaliou o comportamento interativo mãe-bebê durante uma visita domiciliar usando uma situação de brincadeira livre de 10 minutos sem o smartphone presente (Tharner et al., 2022). As 23 mães dinamarqueses participantes foram instruídas a interagir com seus bebês, de 3 a 7 meses. As vídeo gravações das interações foram pontuadas com o Coding Interactive Behavior manual (CIB) (R. Feldman. Coding Interactive Behavior Manual, 1998, manual não publicado) nas seguintes categorias: Sensibilidade materna; Coerção materna; Sobreposição materna; Envolvimento da criança; Emoções negativas da criança; Reciprocidade diádica; e Estados negativos diádicos. As mães instalaram um aplicativo em seus telefones, e o uso materno do *smartphone* foi avaliado durante a semana após a visita domiciliar. O aplicativo registra o “tempo de tela” como a

frequência de captações e duração do uso. A regressão linear apresentou que a maior duração do uso do smartphone materno ao longo da semana foi associada à menor sensibilidade materna. Segundo os autores, pode-se pensar que mães menos sensíveis podem ter uma tendência a usar mais o smartphone enquanto estão com seu bebê, em comparação com mães mais sensíveis. Ou as associações podem ser cíclicas, sendo que mães menos sensíveis tendem a usar o smartphone mais, o que por sua vez pode diminuir o nível de sensibilidade.

Inoue et al. (2022) objetivaram avaliar a associação entre o uso de smartphone materno durante a amamentação, a qualidade da interação diádica e a responsividade visual materna aos pedidos de atenção do bebê. Foram realizadas gravações de vídeo de 13 díades mãe-bebê japonesas durante a amamentação nas condições experimental (uso de *smartphone*) e controle (sem uso de *smartphone*) em dias separados. Os autores não encontraram associações significativas entre o uso materno de *smartphones* e a qualidade da interação durante a amamentação.

Um outro trabalho longitudinal japonês prévio se dedicou a investigar o momento da amamentação e uso de *smartphone* pela mãe (Inoue et al., 2021). Participaram do estudo 195 mães que responderam o primeiro questionário de 1 a 3 meses após o parto, e o segundo, 6 meses após o primeiro. Os achados demonstraram que o uso do *smartphone* durante o aleitamento era habitual, mas as mães relataram que observavam simultaneamente seus bebês. Os autores concluíram que havia pouca conexão entre uso materno do *smartphone* e qualquer interferência na atenção da mãe para com o seu filho. No entanto, deve-se ressaltar que o instrumento utilizado foi de auto-relato. Em particular, o auto-relato dos pais corre o risco de refletir uma subestimação do uso real do *smartphone*. A revisão sistemática de Knitter & Zemp (2020) revelou uma discrepância entre auto-relatos e dados observacionais dos pais e mães em estudos sobre o uso das mídias digitais e as relações familiares. A maioria das mães e dos pais afirmou na entrevista, após a observação, que acharia inadequado usar o telefone durante a supervisão infantil no *playground*. Além disso, múltiplas pesquisas descreveram que os genitores podem se sentir culpados pelo uso de telefones celulares enquanto estão com seus filhos (Hiniker et al., 2015; Manjoo, 2014; Torres et al., 2021), o que pode ser atribuído ao medo deles serem julgados ou envergonhados por outros pais/mães ou por familiares. Desta forma, a desejabilidade social pode ser um aspecto que dificulta aos pais e mães relatarem com precisão seus próprios comportamentos de tecnointerferência (Stockdale et al., 2020). Portanto, é plausível que a observação ou múltiplas técnicas de investigação seriam um método mais fidedigno de investigar esse fenômeno atual.

Recentes revisões corroboram a ideia de que as mães podem se tornar menos sensíveis aos seus filhos em momentos em que utilizam a mídia digital (Braune-Krickau et al., 2021; Kildare e Middlemiss, 2017; Knitter & Zemp, 2020). Kildare & Middlemiss (2017) avançam e discutem que, em tais circunstâncias, os filhos podem se envolver em comportamentos de risco na tentativa de obter a atenção dos pais, o que pode empobrecer ainda mais a qualidade da interação familiar. Os resultados da revisão de Braune-Krickau et al. (2021) também andam nessa direção, revelando que a absorção no dispositivo parece contribuir para essa associação da sensibilidade mais fortemente do que pequenas interrupções da interação em si, que diz respeito à tecnointerferência. Ou seja, a literatura parece apontar que a duração do uso materno é uma maior ameaça para a sensibilidade materna.

Historicamente, as mães sempre se envolveram em tarefas que poderiam torná-las menos sensíveis às demandas e necessidades da criança naquele momento, como é o caso de preparar jantar, conversar com uma amiga, ir a um shopping, ou ler uma revista (Abels et al., 2018; Lederer et al., 2022). No entanto, uma questão relacionada a esse argumento diz respeito à plausível peculiaridade dos efeitos da mídia digital na qualidade da interação mãe-criança em comparação a outras atividades não dirigidas à criança, o que merece ser mais bem contemplado.

Estudo naturalístico dos Países Baixos, que foi mencionado anteriormente, observou 53 duplas mãe/pai-criança em salas de espera de consultórios e *playgrounds* (Vanden Abeele et al., 2020). Dos 53 cuidadores, 23 cuidadores utilizaram o seu celular pelo menos uma vez durante a observação. Em relação aos comportamentos maternos, destacou-se que um uso passivo e absorto no telefone diminuía significativamente a sensibilidade parental, mas que ocasionalmente olhar para o telefone durante as interações não tinha o mesmo efeito na redução da sensibilidade. Acredita-se que no uso ocasional de smartphones nas interações, pais e mães podem ter desenvolvido um modelo singular de uso, em que ocorre um gerenciamento duplo entre a atenção à criança e ao celular.

Na investigação experimental recente de Lederer et al. (2022), 33 mães israelenses e seus filhos de 24 a 36 meses de idade participaram de três condições ex.: uso materno de *smartphone*, leitura materna de revistas de papel e brincadeiras diádicas ininterruptas. Os achados apontaram que as mães envolvidas com um *smartphone* ou revista impressa estavam mais desengajadas. Isto é, elas forneceram menos respostas às demandas de atenção das crianças, perderam os pedidos de atenção das crianças com mais frequência e tiveram menos trocas de conversa com seus filhos. A qualidade da responsividade materna também foi

reduzida no uso do *smartphone* e na leitura de revista. Os autores evidenciaram que as mídias digitais podem não ser mais prejudiciais do que outras atividades maternas não direcionadas ao filho.

Torna-se relevante também avaliar as atitudes de resposta dos cuidadores aos pedidos de atenção da criança, se essas são afetadas pelo envolvimento do cuidador com um telefone e se há diferenças nessas respostas em relação a outras atividades não dirigidas à criança que os cuidadores realizam. Abels et al. (2018) observaram 25 duplas cuidador-criança (6 pais e 19 mães) de crianças de 0 a 3 anos em playgrounds e enquanto tinham uma consulta num centro de saúde infantil. Foram codificadas as atividades do cuidador, isto é, se relacionadas à criança (interagindo com a criança). Também se codificou as atividades não relacionadas à criança, que se referiam a todas outras atividades que o cuidador realiza na presença da criança, como manipulação e uso do celular, leitura, comer/beber, falar com alguém, entre outros. Essas atividades, então, foram codificadas em passivas (exemplo, cuidador segura o celular, mas não engaja com ele) ocasionais (cuidador utiliza o celular ou conversa com alguém ao mesmo tempo que ingere uma bebida) e exclusivas (cuidador estava completamente concentrado na atividade ou objeto). Os autores acharam que quando cuidadores estão envolvidos em atividades não dirigidas à criança, falar com alguém ou ler uma revista, a sua responsividade também era prejudicava. Contudo, o uso do celular mostrou ter mais impacto nos tempos de resposta à criança, demonstrando que o uso do celular pode levar os cuidadores a um estado de absorção diferente de outras atividades. Portanto, a sensibilidade parental pode ser mais potencialmente alterada pelo uso parental do *smartphone*, se comparada a outras atividades que podem interferir na interação.

Ainda sobre isso, de acordo com Vanden Abeele et al. (2020), a estrutura dialógica e interativa dos *smartphones* os torna mais propensos a levar os usuários a um estado de “presença ausente” do que em outras atividades, que parecem permitir intervalos de atenção mais fragmentados. As mídias digitais são também altamente interativas, as quais emitem notificações e sons (Radesky et al., 2016b) e permitem a troca do usuário tanto com o dispositivo em si quanto com os seus *gadgets*. O que as difere de, por exemplo, uma revista em papel, que embora possua dados e estímulos interessantes, impossibilita trocas entre usuário e o recurso.

Além do uso materno das mídias digitais demonstrar potencial de alterar os níveis da qualidade dos comportamentos maternos como a sensibilidade, novas investigações apontam para mudanças nos comportamentos e reações da criança ao uso das mídias digitais pelos

cuidadores (Elias et al. 2021; Myruski et al., 2018; Radesky et al., 2014; Tharner et al., 2022; Vanden Abeele et al., 2020). Nesse contexto, as crianças podem mostrar envolvimento social reduzido, aumento de emoções negativas e comportamentos de evitação quando as mães olham para alguma mídia digital.

Estudo em salas de espera de consultórios e *playgrounds* observou 53 duplas mãe/pai-criança (VandeAbeele et al., 2020), o qual já foi detalhado em pormenores acima. Além dos autores codificar os comportamentos do cuidador, as reações e atitudes das crianças foram codificadas durante o uso da mídia digital pelo cuidador em: olhando para o cuidador, procurando visualmente por atenção (acenando, fazendo grandes gestos), comportamento auditivo (gritar, chorar, chamar pelo cuidador), tocar o cuidador ou pegar ou dar um objeto de ou para o cuidador. De acordo com os resultados, não observaram pedidos de atenção mais insistentes quando os cuidadores estavam em seus smartphones.

Demais contextos, como restaurantes, são alvo de estudiosos interessados em compreender o uso das mídias digitais por cuidadores e a qualidade dos comportamentos da criança. Radesky et al. (2014) realizaram observações públicas, e avaliaram as reações de 55 crianças (aparentavam ter entre 0 a 10 anos) estadunidenses que estavam com seus cuidadores durante refeições em restaurantes de *fast food* na área metropolitana. Os observadores escreveram anotações de campo, descrevendo todas as considerações sobre o uso do dispositivo móvel e os comportamentos parentais e infantis durante a refeição. Os resultados da pesquisa demonstraram que, em geral, as crianças não buscaram contato ou conversavam com seus cuidadores quando esses estavam continuamente absorvidos pelo dispositivo móvel. Entretanto, as crianças foram observadas testando os limites dos pais ou demonstrando comportamentos provocativos durante os períodos de absorção.

Em consonância, uma pesquisa realizou uma observação naturalística nos Estados Unidos e Israel com cuidadores (mães e pais) de crianças de 2 a 6 anos (Elias et al. 2021). Foram realizadas 27 observações em parques infantis e 30 observações em restaurantes nos Estados Unidos. Em Israel, foram conduzidas 20 observações em parques infantis e 30 em restaurantes. Os dados apontaram que as crianças demonstraram frustração frente ao uso do smartphone dos cuidadores, que levou esses últimos a faltarem com atenção às necessidades da criança. As crianças reagiram demonstrando comportamentos de risco, sendo que a sua segurança por vezes estava em perigo. Além disso, outras crianças se afastaram de qualquer comunicação com os seus cuidadores. Ao contrário desses dados apresentados, cabe mencionar a observação naturalística de Tharner et al. (2022) que foi descrita em pormenores acima. As

mães foram videogravadas interagindo com a criança e o controle do uso do smartphone foi realizado por meio de um aplicativo instalado em seus celulares. Os resultados demonstraram que não houve associação entre a duração e nem a frequência do uso materno do smartphone e impactos para o envolvimento infantil, tampouco para emoções negativas infantis.

No intuito de avançar no entendimento acerca dos possíveis impactos do uso do smartphone durante as interações, autores tem realizado experimentos nos quais se manipula a sensibilidade materna, inspirando-se no procedimento clássico do *still-face* de Edward Tronick. (Myruski et al., 2018; Stockdale et al., 2020; Tidemann & Melinder, 2022).

A investigação norueguesa de Tidemann e Melinder (2022) acompanhou 44 mães, 7 pais e os respectivos 51 filhos de 6 a 12 meses. Durante a fase do still-face, o genitor interrompia a interação em andamento, porém ao invés de assumir uma postura neutra e não interagir com a criança, o cuidador simulava estar ocupado com um *smartphone*. Consistente com o procedimento still-face clássico, as crianças de todas as idades exibiram níveis altos de protesto em resposta à interação interrompida com seus pais, chorando, tentando chutar, tentando sair da cadeira. Também apresentaram menores padrões de engajamento positivo, como por exemplo sorrir e rir. Os autores defendem que tais reações podem ser atribuídas ao desconforto pela perda da capacidade de resposta parental.

Os achados de Stockdale et al. (2020), andam em consonância com Tidemann e Melinder (2022). Participaram do experimento uma amostra estadunidense de 227 pares mãe/pai-criança de crianças de 5 a 14 meses de idade. Durante a fase do still-face modificado, os autores observaram os efeitos da distração parental com um dispositivo móvel para o aumento do afeto negativo e diminuição de afeto positivo nas crianças de todas as idades da amostra. Contudo, em comparação a outros estudos, os pesquisadores encontraram que os bebês mais velhos, com mais de 9 meses, evocaram níveis mais altos de afeto negativo em todas as três fases do paradigma (interação, rosto imóvel com uso do dispositivo móvel e retorno à interação) em relação aos bebês mais novos, com menos de 9 meses. Esse dado pode ser visto à luz da teoria de que a reatividade emocional infantil aumenta conforme o desenvolvimento.

Similarmente, no estudo de Myruski et al. (2018) os autores avaliaram, além dos afetos da criança, comportamentos como engajamento com brinquedo, exploração do ambiente e pedidos sociais (tentar chamar a atenção da mãe física ou verbalmente, tanto de forma positiva, negativa ou neutra). Durante a fase do *still-face* modificado, solicitava-se à mãe interagir somente com o dispositivo móvel, se afastar da interação com a criança, se tornar menos

responsiva e permitir que a criança brincasse isoladamente. Os resultados apontaram que, se comparada à fase do brincar livre, durante a fase do *still-face* modificado as crianças demonstram menos afeto positivo e mais afeto negativo. Além disso, as crianças apresentaram mais engajamento com o brinquedo e com a mãe durante o brincar livre do que na fase do *still-face* ou reunir. Elas também apresentaram mais pedidos sociais e mais exploração do ambiente durante a fase do *still-face* do que na fase da reunião. Os autores estabeleceram que os padrões exibidos elucidam que o procedimento do *still-face* modificado pode se configurar como um paradigma análogo ao original, sendo relevante para compreender as repercussões do uso materno do dispositivo móvel no desenvolvimento socioemocional das crianças.

1.5. Justificativas e objetivos

Apesar da relevância de compreender os impactos do uso materno do *smartphone* durante as interações mãe-criança, percebeu-se que são escassos os estudos que abordam a qualidade da interação mãe-criança como um todo, contemplando os diversos comportamentos e afetos maternos e infantis. Muitos autores voltam-se, por diversas vezes, à sensibilidade e atenção materna (Abels et al., 2018; Braune-Krickau et al., 2021; Wolfers et al. 2020) ou ao afeto negativo e positivo da criança (Stockdale et al., 2020; Tidemann & Melinder, 2022). Outras pesquisas investigaram o fenômeno por meio de instrumentos de auto-relato (Inoue et al., 2021) e por mais que seja relevante para avançar no entendimento amplo da área, pode não contemplar as complexas nuances comportamentais verbais e não-verbais maternas e infantis que caracterizam a qualidade da interação mãe-criança no uso materno das mídias digitais. Além disso, ainda há inconsistências sobre os reais impactos do *smartphone* durante as interações diádicas. Alguns estudos demonstram que o *smartphone* pode ser mais prejudicial para os comportamentos maternos e infantis do que outros recursos não digitais. Ao passo que demais autores concluem que a interrupção da interação em si seja o cerne da questão, estando a mãe no *smartphone*, lendo uma revista em papel ou interagindo com outra pessoa pessoalmente. Ou seja, são necessárias mais pesquisas que explorem os verdadeiros mecanismos do uso materno do *smartphone* durante as interações e possíveis mudanças na qualidade da interação mãe-criança.

De modo a preencher esta lacuna, o presente estudo tem por objetivo investigar a qualidade da interação mãe-criança durante o uso materno do *smartphone*. Mais especificamente, avaliar se há diferenças na qualidade da interação mãe-criança a depender do

recurso em que a mãe está engajada durante a interação, isto é, no uso do *smartphone* versus a leitura de revista em papel.

CAPÍTULO 2

Estudo: A qualidade da interação mãe-criança e o uso materno do smartphone²

ABSTRACT

The study investigated the impact of smartphone use by mothers on interaction with their children. Seventy-one mothers and children aged 3 to 32 months participated in two conditions: smartphone use and paper magazine reading. Behaviors were analyzed using the Dyadic Interaction Assessment Protocol. There were no significant differences in maternal sensitivity or infant affection between the conditions. Children in the smartphone use condition interacted more with their mothers, while mothers showed more affection (positive and negative) compared to magazine reading. Children's exploration of the environment in both conditions was associated with more positive affect and less negative affect. In addition, children were more likely to show positive affect and less negative affect when their mothers showed sensitivity in the interaction. The results suggest that mothers' use of smartphones may not negatively affect mother-child interaction compared to other activities not directed at the child. The study highlights the complexity of maternal use of digital media during interactions with children, which deserves to be a phenomenon targeted by interventions to help mothers navigate the digital age with their children.

Key Words: Digital media; smartphone; mother-infant interaction; childhood.

RESUMO

O estudo investigou o impacto do uso de smartphones por mães na interação com seus filhos. Setenta e uma mães e crianças de 3 a 32 meses participaram em duas condições: uso de smartphone e leitura de revista em papel. Comportamentos foram analisados usando o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica. Não houve diferenças significativas na sensibilidade materna ou afeto infantil entre as condições. Crianças na condição de uso do smartphone interagiram mais com as mães, enquanto as mães mostraram mais afeto (positivo e negativo) em comparação com a leitura de revista. A exploração do ambiente pelas crianças em ambas as condições estava associada a mais afeto positivo e menos afeto negativo. Além disso, crianças eram mais propensas a demonstrar afeto positivo e menos afeto negativo quando as mães mostravam sensibilidade na interação. Os resultados sugerem que o uso de smartphones pelas mães pode não afetar negativamente a interação mãe-criança em

² Devido aos direitos autorais, esse artigo foi omitido da versão atual desta Dissertação de Mestrado.

comparação com outras atividades não direcionadas à criança. O estudo destaca a complexidade do uso materno de mídias digitais durante interações com as crianças, o que merece ser um fenômeno alvo de intervenções a fim de auxiliar mães a navegarem na era digital com os seus filhos.

Palavras-chave: Mídias digitais; smartphone; interação mãe-criança; infância.

CAPÍTULO III

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve por objetivo explorar a qualidade da interação mãe-criança no uso materno do *smartphone*. Mais especificamente, avaliar se há diferenças na qualidade da interação mãe-criança a depender do recurso em que a mãe está engajada durante a interação, isto é, no uso do *smartphone* versus a leitura de revista em papel. Não foram encontradas diferenças na sensibilidade materna quando a mãe está ignorando a criança com o *smartphone* ou quando está ignorando a criança com uma revista em papel. Além disso, as mães na condição de *smartphone* apresentaram mais afeto positivo para a criança, contrariando uma parcela da literatura existente sobre uso de mídias por cuidadores. Nesse sentido, é importante que se tenha cautela na interpretação desses resultados e vários pontos levantados acima precisam ser considerados.

O presente estudo avança a compreensão do fenômeno das mídias digitais na infância por providenciar *insights* em como as duplas mãe-criança interagem quando as mães estão envolvidas com o *smartphone*, em comparação com outras atividades ou recursos, neste caso a revista em papel. Os dados apontaram que as crianças das mães que estavam envolvidas com o *smartphone* durante as interações apresentaram mais envolvimento com o cuidador, e as mães nessa condição apresentaram mais afeto positivo quanto negativo. A variedade de situações investigadas (uso do *smartphone* versus revista em papel) permitiu avançar na concepção de que porventura a descontinuidade da interação em si acarreta mudanças na qualidade da interação, e não o recurso que a mãe utiliza.

Embora esses achados sejam importantes colaborações na medida de compreender a complexidade da interação mãe-criança no contexto das mídias digitais, o presente estudo não está isento de limitações. Entre elas está o modelo transversal, sendo que relações de causalidade não são possíveis de serem levantadas. A amostra também foi composta por uma variedade ampla de idade dos bebês. Mas cabe destacar que o estudo preenche uma das lacunas nesse campo de estudo, visto que o número de trabalhos que se enfoquem exclusivamente na primeiríssima infância é ainda limitado. Além disso, o emprego do modelo entre-sujeitos favoreceu um número maior de participantes, que é uma melhor representação da população (Leroy, 2011). Ainda sobre os participantes do estudo, a amostra era homogênea, sendo composta por mulheres mães escolarizadas e heterossexuais, sendo assim, os resultados não podem ser generalizados para a população brasileira. No entanto, essa parece ser um obstáculo de boa parte da literatura atual, que vem tendo dificuldades em acessar outros cuidadores além

de mães, como o estudo de (Padilla-Walker et al., 2020), que embora tenha usado o termo “*parent*” teve 98% dos participantes como mães e só 2% de pais. Também há lacunas importantes nos estudos envolvendo famílias de baixa renda e de diversidade étnico-racial, que merecem ser objeto de futuros estudos, assim como a investigação de outras formas de uso do *smartphone* por outros cuidadores das crianças, como pai, avós ou babás.

Ademais, percebe-se uma tendência de as investigações científicas centrarem-se em explorar a qualidade da interação mãe-criança no uso do *smartphone* somente. Sugere-se que outros autores sigam expandindo as pesquisas para outros contextos não digitais de uso materno do *smartphone* durante as interações e suas influências na qualidade da interação mãe-criança. Ainda, uma vez que no presente estudo utilizou-se o *smartphone* como o recurso digital, novas pesquisas podem testem novas hipóteses em relação a diferentes tipos de mídia digital usadas pelas famílias, como *Smart TV*, *Tablet* e *Notebook*, no intuito de esclarecer como o uso de diferentes dispositivos podem impactar nos comportamentos maternos e infantis e na qualidade geral da interação mãe-criança.

Em suma, o uso das mídias por cuidadores de crianças provavelmente continuará num rumo crescente. Dado o estado das pesquisas na área, ainda pode ser precoce sugerir novas orientações, além de que os órgãos de saúde sigam projetando sugestões para as famílias que sejam pautadas no modelo reflexivo. Isto é, de que os conteúdos apresentados aos cuidadores se expandam de meras prescrições severas quanto a limitações do tempo de uso ou de explicitar somente os riscos desse uso. Muitos cuidadores reconhecem que o seu uso da mídia digital o torna menos presente na interação presencial com o filho (Hiniker et al. 2015). Mas parece que a consciência dos possíveis riscos em si não tem sido um elemento suficiente para mudanças nesse campo. Em alguma instância, o uso de mídias digitais tem sido positivas para cuidadores, especialmente para buscar apoio social. Além disso, as discussões sociais com enfoque expressivo nos possíveis perigos do uso das mídias podem servir para aumentar a culpa dos cuidadores que usam as mídias digitais (Wolfers et al., 2023), o que parece não os ajudar a ponderar e a conciliar esse uso.

Desta forma, recomendações reflexivas e em sintonia com a realidade das famílias poderão incentivar os cuidadores a examinar as necessidades, desafios e particularidades da sua família e rotina familiar. Tal iniciativa poderá colocá-los como participantes ativos nas decisões que tangem o tempo, conteúdos e contextos de uso de mídias em suas famílias, e a ponderar em que medida esse uso é capaz de distanciá-los dos filhos e vice-versa. O que tenderá, por sua vez, a assistir as famílias a estabelecerem rotinas de um uso mais saudável das mídias digitais, que minimize os seus prováveis riscos e maximize os seus prováveis benefícios

para mães e crianças na modernidade. Ashton & Beattie (2019) chegam a se questionar por que os estudos não têm avaliado como desfecho as vantagens e não somente os prejuízos das crianças atualmente serem nativas digitais, familiarizadas com o uso de tecnologias desde o início de suas vidas.

Por fim, interações de alta qualidade na infância são construídas pela constância de cuidados maternos afetivos e responsivos, o que contribui para que a criança se sinta segura nos seus vínculos e motivada para conhecer o mundo. São momentos valiosos que fundamentam os domínios do crescimento infantil e auxiliam nas competências parentais. Cabe aos cuidadores exercerem cuidados de modo a fornecer um ambiente saudável para as crianças. Na atualidade, as pesquisas demonstram que as mídias podem ser recursos úteis na vida dos cuidadores. Ao mesmo tempo, constata-se que a função parental se posiciona como um desafio na era digital, em que as mídias digitais parecem disputar a atenção dos cuidadores durante as interações familiares presenciais. Podem existir aspectos subjacentes que levem cuidadores a empregarem esse recurso durante as interações, como estresse, necessidade de receber ajuda, e dificuldades de lidar com os filhos pequenos. O que, por sua vez, pode influenciar tais interações fundamentais para a primeira infância.

Nessa conjuntura, profissionais da área da saúde e da educação podem desenvolver intervenções com foco no uso das mídias digitais por cuidadores de crianças. De modo a auxiliar os cuidadores, pode-se recorrer a ferramentas, tal como a American Academy of Pediatrics desenvolveu o Plano de Uso da Mídia Familiar, que ensina acerca da educação digital, de modo a incentivar cuidadores de crianças a fazerem um melhor uso das mídias digitais (AAP, n.d.). Além disso, programas com tópicos relacionados às relações familiares são essenciais, como auxiliar os cuidadores a desenvolverem estratégias quanto à resolução de problemas familiares e aspectos maternos, como manejo do estresse, enquanto incentivam o acesso às fontes de rede de apoio. Ademais, intervenções no campo necessitam enfatizar especificidades da parentalidade positiva, como a promoção da sensibilidade e engajamento materno nas interações presenciais com os filhos. Tais recursos poderão atuar como um fator protetivo ao desenvolvimento das crianças e ao bem-estar parental na contemporaneidade, na qual o uso das mídias digitais muda e é mudado pelas trajetórias das interações familiares. Em síntese, ainda segue relevante parafrasear John Bowlby: “*ajudamos a criança ao ajudarmos o cuidador*”.

REFERÊNCIAS

- Abels, M., Vanden Abeele, M., Van Telgen, T., & Van Meijl, H. (2018). Nod, nod, ignore: An exploratory observational study on the relation between parental mobile media use and parental responsiveness towards young children. In E. M. Luef, & M. M. Marin (Eds.), *The talking species: Perspectives on the evolutionary, neuronal, and cultural foundations of language* (pp. 195-228). Uni-press Verlag.
https://www.researchgate.net/publication/327263242_The_talking_species_Perspectives_on_the_evolutionary_neuronal_and_cultural_foundations_of_language
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American Psychologist*, *34*(10), 932–937. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.932>
- Akca, A., & Ayaz-Alkaya, S. (2022). Media use, positive and negative emotions, and stress levels of adults during COVID-19 pandemic in Turkey: A cross-sectional study. *International Journal of Nursing Practice*, *28*(2), e13035.
<https://doi.org/10.1111/ijn.13035>
- Ali, R. A., Alnuaimi K. M., Al-Jarrah I. A. (2020). Examining the associations between smartphone use and mother-infant bonding and family functioning: a survey design. *Nurs Health Sci*, *22*(2). <https://doi.org/10.1111/nhs.12684>
- Almeida, M. L. (2022). *O uso de mídias digitais na primeira infância: tecnointerferência, variáveis associadas ao uso e proposta de intervenção*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <http://hdl.handle.net/10183/236113>
- Alvarenga, P., Cerezo, M.Á., Kuchirko, Y. (2022). Theoretical and Empirical Underpinnings of Maternal Sensitivity: Considerations of Sensitivity Across Cultures and

Socioeconomic Status. In: *The Maternal Sensitivity Program*. Springer, Cham.

https://doi.org/10.1007/978-3-030-84212-3_1

Alvarenga, P., Oliveira, J. M. de, & Lins, T. C de S. (2018). Reflexões sobre a parentalidade no contexto de vulnerabilidade social no Brasil. In. L. F. Pêsoa, D. M. L. F. Mendes, & M. L. S. Moura (Orgs.), *Parentalidade: Diferentes perspectivas, evidências e experiências* (pp. 41-62). Appris.

American Academy of Child and Adolescent Psychiatry. (2020). *Screen Time and Children*.

https://www.aacap.org/AACAP/Families_and_Youth/Facts_for_Families/FFF-Guide/Children-And-Watching-TV

054.aspx#:~:text=For%20children%20%2D5%2C%20limit,about%20and%20use%20parental%20controls.

American Academy of Pediatrics. (n. d.). *Family Media Use Plan*.

https://www.healthychildren.org/English/fmp/Pages/MediaPlan.aspx?_gl=1*ncgk0a*_ga*MTE1ODAwNTY4MC4xNjc1Mzc5OTIy*_ga_FD9D3XZVQQ*MTY3NjQ2NzkxMC42LjAuMTY3NjQ2NzkxMC4wLjAuMA..&_ga=2.257409611.1706348610.1676467910-1158005680.1675379922

American Academy of Pediatrics. (2016). Media and Young Minds. *Pediatrics*, 138(5).

<https://doi.org/10.1542/peds.2016-2591>

Ariav-Paraira, I., Oppenheim, D., & Sagi-Schwartz, A. (2022). Disrupted affective communication characterizes mothers of infants with disorganized but also ambivalent attachments: An Israeli study. *Child Development*, 93, e59– e70.

<https://doi.org/10.1111/cdev.13679>

Arora, A., Chakraborty, P., Bhatia, M.P.S. *et al*. Role of Emotion in Excessive Use of Twitter During COVID-19 Imposed Lockdown in India. *J. technol. behav. sci.* 6, 370–377

(2021). <https://doi.org/10.1007/s41347-020-00174-3>

- Ashton, J. J., & Beattie, R. M. (2019). Screen time in children and adolescents: is there evidence to guide parents and policy?. *The Lancet. Child & adolescent health*, 3(5), 292–294. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(19\)30062-8](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(19)30062-8)
- Asselmann, E., Venz, J., Wittchen, H., & Martini, J. (2018). Maternal anxiety and depressive disorders prior to, during and after pregnancy and infant interaction behaviors during the Face-to-Face Still Face Paradigm at 4 months postpartum: A prospective-longitudinal study. *Early Human Development*, 122, 45–53. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2018.05.007>
- Azevedo, E. C., Riter, H. S., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2022). Uso da Mídia Digital nas Interações entre Mãe e Filho: Diferenças nos Primeiros Anos de Vida dos Bebês. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 32. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210>
- Bartholomew, M. K., Schoppe-Sullivan, S. J., Glassman, M., Kamp Dush, C. M., & Sullivan, J. M. (2012). New Parents' Facebook Use at the Transition to Parenthood. *Family relations*, 61(3), 455–469. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2012.00708.x>
- Blackman, A. (2015). *Screen Time for Parents and Caregivers: Parental Screen Distraction and Parenting Perceptions and Beliefs*. [Tese de doutorado, Pace University]. <https://www.proquest.com/openview/a81e7baee4bae51aae88b2fa49ac984/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750>
- Bernier, A., Calkins, S. D. & Bell, M. A. (2016). Longitudinal Associations Between the Quality of Mother-Infant Interactions and Brain Development Across Infancy. *Child Development*, (87)4, 1159-1174. <https://doi.org/10.1111/cdev.12518>
- Bigelow, A.E. and Power, M. (2014), Effects of Maternal Responsiveness on Infant Responsiveness and Behavior in the Still-Face Task. *Infancy*, 19: 558-584. <https://doi.org/10.1111/infa.12059>

- Biringen, Z. (2000). Emotional availability: Conceptualization and research findings. *The American Journal of Orthopsychiatry*, 70(1), 104–114.
<https://doi.org/10.1037/h0087711>
- Biringen, Z., & Robinson, J. (1991). *Emotional availability in mother-child interactions: A reconceptualization for research*. *American Journal of Orthopsychiatry*, 61(2), 258–271. doi:10.1037/h0079238
- Bowlby, J. (1979). *Uma base segura: Apego cuidador-criança e o desenvolvimento saudável*. Routledge.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego* (S. M. Barros, Trad.). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1988)
- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (3a ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Brasil (2016). *Lei N° 13.257 de 08 de março de 2016*. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm
- Braune-Krickau, K., Schneebeil, L., Pehlke-Milde, J., Gemperle, M., Koch, R., & von Wyl, A. (2021). Smartphones in the nursery: Parental smartphone use and parental sensitivity and responsiveness within parent–child interaction in early childhood (0–5 years): A scoping review. *Infant Ment Health J.* 42: 161– 175. <https://doi.org/10.1002/imhj.21908>
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1992). Observando a interação primordial. Em: *As primeiras relações*. Martins Fontes (pp. 99-151) (Original publicado em 1990).
- Robert-Tissot, C., Rusconi-Serpa, S., Bachman, J-P., Besson, G., Cramer, B., Knauer, D., de Muralt, M., Palacio, F. & Stern, D. N. (1989). Le questionnaire symptom check-list: Evaluation des troubles psycho-fonctionnels de la petite enfance. Em S. Lebovici, P.

- Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'Evaluation des interactions précoces entre le bébé et ses partenaires*. 179-215. ESHEL.
- Canadian Paediatric Society (2022). *Screen time and preschool children: Promoting health and development in a digital world*. <https://cps.ca/en/documents/position/screen-time-and-preschool-children>
- Center on the Developing Child at Harvard University (CDCH). (2017). *Três Princípios para Obter Resultados Melhores para as Crianças e as Famílias*.
<http://www.developingchild.harvard.edu>
- Chaplin, T. M., & Aldao, A. (2013). Gender differences in emotion expression in children: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *139*, 735–765.
<https://doi.org/10.1037/a0030737>
- Chassiakos, Y. L., Radesky, J., Christakis, D., Moreno, M. A., Cross, C., & COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND MEDIA (2016). Children and Adolescents and Digital Media. *Pediatrics*, *138*(5), e20162593. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2593>
- Chemello, M. R. (2015). *Ansiedade materna e relação mãe-bebê*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio do Sinos].
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4898>
- Chen, H., Zhou, L., & Han, S. (2017). Protest and protect. *Journal of Asian Pacific Communication*, *27*(1), 99–120. <https://doi.org/10.1075/japc.27.1.06che>
- Chen, J., & Chen, Z. (2008). Extended Bayesian information criteria for model selection with large model spaces. *Biometrika*, *95*(3), 759–771. doi: 10.1093/biomet/asn034
- Chiesi A. M. (2015). Network analysis. In: Wright J. D. Editors. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Elsevier. 518-523.
<https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.73055-8>

- Cliff, D. P., Howard, S. J., Radesky, J. S., McNeill, J., & Vella, S. A. (2018). Early Childhood Media Exposure and Self-Regulation: Bidirectional Longitudinal Associations. *Academic pediatrics, 18*(7), 813–819.
<https://doi.org/10.1016/j.acap.2018.04.012>
- Cohn, J. F., & Tronick, E. (1989). Specificity of Infants' Response to Mothers' Affective Behavior. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 28*(2), 242–248. doi:10.1097/00004583-198903000-00016
- Cooke, J. E., Kochendorfer, L. B., Stuart-Parrigon, K. L., Koehn, A. J., & Kerns, K. A. (2019). Parent–child attachment and children's experience and regulation of emotion: A meta-analytic review. *Emotion, 19*(6), 1103–1126. <https://doi.org/10.1037/emo0000504>
- Cox, J., Holden, J., & Sagovsky, R. (1987). Detection of Postnatal Depression: Development of the 10-item Edinburgh Postnatal Depression Scale. *The British Journal of Psychiatry, 150*(6), 782-786. <https://doi.org/10.1192/bjp.150.6.782>
- Cox, M. J. (1998). *The young family interaction coding system*. UNCCH, Chapel Hill.
Instrumento não-publicado.
- Coyne, S. M., Shawcroft, J., Gale, M., Reich, S. M., Linder, L., McDaniel, B., Stockdale, L., & Booth, M. (2022). Digital distraction or accessible aid? Parental media use during feedings and parent-infant attachment, dysfunction, and relationship quality. *Computers in Human Behavior, 127*(12). 107051. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.107051>
- Craig, L., & Mullan, K. (2011). How Mothers and Fathers Share Childcare. *American Sociological Review, 76*(6), 834–861. doi:10.1177/0003122411427673
- De Wolff, M. S., & van Ijzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and Attachment: A Meta-Analysis on Parental Antecedents of Infant Attachment. *Child Development, 68*(4), 571-591. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1997.tb04218.x>

- Deans, C. L. (2020). Maternal sensitivity, its relationship with child outcomes, and interventions that address it: a systematic literature review, *Early Child Development and Care*, 190:2, 252-275. <https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1465415>
- Dijkstra, E. W. (1959). A note on two problems in connexion with graphs. *Numer. Math.* 1, 269–271. <https://doi.org/10.1007/BF01386390>
- Ding, Y. H., Xu, X., Wang, Z. Y., Li, H. R., & Wang, W. P. (2014). The relation of infant attachment to attachment and cognitive and behavioural outcomes in early childhood. *Early human development*, 90(9), 459-464. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2014.06.004>
- Drake, K., Belsky, J., & Fearon, R. M. (2014). From early attachment to engagement with learning in school: The role of self-regulation and persistence. *Developmental Psychology*, 50(5), 1350–1361. <https://doi.org/10.1037/a0032779>
- Elias, N., Lemish, D., Dalyot, S., & Floegel, D. (2021). “Where are you?” An observational exploration of parental technofence in public places in the US and Israel. *Journal of Children and Media*, 15:3, 376-388, DOI: 10.1080/17482798.2020.1815228
- Epskamp, S., Cramer, A. O. J., Waldorp, L. J., Schmittmann, V. D., & Borsboom, D. (2012). Qgraph: Network visualizations of relationships in psychometric data. *J. Stat. Softw.* 48, 1–18. <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i04>
- Ewin, C. A., Reupert, A., & McLean, L. A. (2021). Naturalistic observations of caregiver – child dyad mobile device use. *Journal of Child and Family Studies*, 30(8), 2042-2054. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01993-5>
- Frizzo, G. B., Levandowski, D. C., Donelli, T. S., Silva, M. S. & Piccinini, C. A. et al. (2012). *Depressão pós-parto: Prevalência, antecedentes e intervenção (DEPSICO)*. Projeto de pesquisa não publicado.

- Frizzo, G. B., Bandeira, D., Lewandowski, D., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E., Mallmann, M., ... Silva, M. (2017). *Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil (TECNOBB)*. Projeto de pesquisa não publicado.
- Fruchterman, T. M. J., & Reingold, E. M. (1991). Graph drawing by force-directed placement. *Software: Practice and Experience*, *21*, 1129-1164.
<https://doi.org/10.1002/spe.4380211102>
- Gaudreau, C., King, Y. A., Dore, R. A., Puttre, H., Nichols, D., Hirsh-Pasek, K., & Golinkoff, R. M. (2020). Preschoolers Benefit Equally From Video Chat, Pseudo-Contingent Video, and Live Book Reading: Implications for Storytime During the Coronavirus Pandemic and Beyond. *Frontiers in psychology*, *11*, 2158.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02158>
- Gedaly, L. R., & Leerkes, E. M. (2016). *The role of sociodemographic risk and maternal behavior in the prediction of infant attachment disorganization. Attachment & Human Development*, *18*(6), 554–569. doi:10.1080/14616734.2016.1213306
- Gergen, K. J. (2002). "The Challenge Of Absent Presence". *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. 227-241.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511489471.018>
- Gilmore, J., Knickmeyer, R. & Gao, W. (2018). Imaging structural and functional brain development in early childhood. *Nat Rev Neurosci*, *19*, 123–137. <https://doi.org/10.1038/nrn.2018.1>
- Ginnell, L., O'Carroll, S., Ledsham, V., Jiménez Sánchez, L., Stoye, D. Q., Sullivan, G., ... & Reynolds, R. M. (2022). Emotion regulation and cortisol response to the still-face procedure in preterm and full-term infants. *Psychoneuroendocrinology*, *141*, 105760.
<https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2022.105760>

- Golen, R. P., & Ventura, A. K. (2015). What are mothers doing while bottle-feeding their infants? Exploring the prevalence of maternal distraction during bottle-feeding interactions. *Early Human Development, 91*(12), 787–791.
doi:10.1016/j.earlhumdev.2015.09.006
- Gueron-Sela, N., & Gordon-Hacker, A. (2020). Longitudinal Links Between Media Use and Focused Attention Through Toddlerhood: A Cumulative Risk Approach. *Frontiers in psychology, 11*, 569222. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.569222>
- Guerra-Reyes, L., Christie, V. M., Prabhakar, A., Harris, A. L., & Siek, K. A. (2016). Postpartum Health Information Seeking Using Mobile Phones: Experiences of Low-Income Mothers. *Maternal and child health journal, 20* (Suppl 1), 13–21.
<https://doi.org/10.1007/s10995-016-2185-8>
- Harmon, E., & Mazmanian, M. (2013). Stories of the smartphone in everyday discourse: Conflict, tension & instability. In Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems. *Association for Computing Machinery*, 1051-1060.
<http://dx.doi.org/10.1145/2470654.2466134>
- Herstell, S., Betz, L. T., Penzel, N., Chechelniski, R., Filihagh, L., Antonucci, L., & Kambeitz, J. (2021) Insecure attachment as a transdiagnostic risk factor for major psychiatric conditions: A meta-analysis in bipolar disorder, depression and schizophrenia spectrum disorder. *Journal of Psychiatric Research, 144*. Pages 190-201.
<https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2021.10.002>
- Hiniker, A., Sobel, K., Suh, H., Sung, Y., Lee, C.P., & Kientz, J.A. (2015). Texting while Parenting: How Adults Use Mobile Phones while Caring for Children at the Playground. *Proceedings of the 33rd Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems. 727–736*. <https://doi.org/10.1145/2702123.2702199>

- Inoue, C., Hashimoto, Y., & Ohira, M. (2021). Mothers' habitual smartphone use, infants during breastfeeding, and mother–infant bonding: A longitudinal study. *Nursing & Health Sciences*, 23(2), 506–515. <https://doi.org/10.1111/nhs.12837>
- Inoue, C., Hashimoto, Y., Nakatani, Y., & Ohira, M. (2022). Smartphone use during breastfeeding and its impact on mother-infant interaction and maternal responsiveness: Within-subject design. *Nursing & health sciences*, 24(1), 224–235. <https://doi.org/10.1111/nhs.12918>
- Isvoranu, A. M., van Borkulo, C. D., Boyette, L. L., Wigman, J. T., Vinkers, C. H., Borsboom, D., & Group Investigators (2017). A Network Approach to Psychosis: Pathways Between Childhood Trauma and Psychotic Symptoms. *Schizophrenia bulletin*, 43(1), 187–196. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbw055>
- Kalil, A., & Ryan, R. (2020). Parenting Practices and Socioeconomic Gaps in Childhood Outcomes. *The Future of Children*, 30(1), 29–54. <https://www.jstor.org/stable/27074974>
- Kammermeier, M., & Paulus, M. (2022). Maternal sensitivity and non-intrusiveness at 12 months predict attention to emotional facial expressions at 24 months: A cross-lagged panel approach. *Social Development*, 31. <https://doi.org/10.1111/sode.12561>
- Kellershohn, J., Walley, K., West, B. & Vriesekoop, F. (2018) Young consumers in fast food restaurants: technology, toys and family time. *Young Consumers*, 19, 1, 105-118. <https://doi.org/10.1108/YC-08-2017-00731>
- Kelly, K. R., & Ocular, G. (2021). Family Smartphone Practices and Parent-Child Conversations During Informal Science Learning at an Aquarium. *J. technol. behav. sci.* 6, 114–123. <https://doi.org/10.1007/s41347-020-00157-4>
- Kiefner-Burmeister, A., Domoff, S., & Radesky, J. (2020). Feeding in the Digital Age: An Observational Analysis of Mobile Device Use during Family Meals at Fast Food

- Restaurants in Italy. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(17), 6077. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17176077>
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parentchild interaction: A literature review. *Computers in Human Behavior*, 75, 579–593. <https://doi.org/0.1016/j.chb.2017.06.003>
- Kisil, M., & Fabiani, P. J. (2015). *Primeira Infância: panorama, análise e prática*. IDIS-Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social.
- Knitter, B., & Zemp, M. (2020). Digital Family Life: A Systematic Review of the Impact of Parental Smartphone Use on Parent-Child Interactions. *Digital Psychology*, 1(1), 29–43. <https://doi.org/10.24989/dp.v1i1.1809>
- Knoblauch U, Ritschel G, Weidner K, Mogwitz S, Hannig C, et al. (2019) The association between socioeconomic status, psychopathological symptom burden in mothers, and early childhood caries of their children. *PLOS ONE* 14(10): e0224509. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0224509>
- Kochanska, G., & Aksan, N. (1995). Mother-Child Mutually Positive Affect, the Quality of Child Compliance to Requests and Prohibitions, and Maternal Control as Correlates of Early Internalization. *Child Development*, 66(1), 236–254. <https://doi.org/10.2307/1131203>
- Konrad, C., Hillmann, M., Rispler, J., Niehaus, L., Neuhoff, L., & Barr, R. (2021). Quality of Mother-Child Interaction Before, During, and After Smartphone Use. *Frontiers in Psychology* 12: 929. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.616656>
- Koo, T. K., & Li, M. Y. (2016). A Guideline of Selecting and Reporting Intraclass Correlation Coefficients for Reliability Research. *Journal of chiropractic medicine*, 15(2), 155–163. <https://doi.org/10.1016/j.jcm.2016.02.012>

- Krapf-Bar, D., Davidovitch, M., Rozenblatt-Perkal, Y., & Gueron-Sela, N. (2022). Maternal mobile phone use during mother-child interactions interferes with the process of establishing joint attention. *Developmental psychology*, 58(9), 1639–1651.
<https://doi.org/10.1037/dev0001388>
- Le Bas, G. A., Youssef, G. J., Macdonald, J. A., Rossen, L., Teague, S. J., Kothe, E. J., ... Hutchinson, D. M. (2019). The role of antenatal and postnatal maternal bonding in infant development: A systematic review and meta-analysis. *Social Development*, 29, 3–20. <https://doi.org/10.1111/sode.12392>
- Lederer, Y., Artzi, H., & Borodkin, K. (2022). The effects of maternal smartphone use on mother-child interaction. *Child Development*, 93, 556–570.
<https://doi.org/10.1111/cdev.13715>
- Lev, Y. B., & Elias, N. (2020). Digital Parenting: Media Uses in Parenting Routines during the First Two Years of Life. *Studies in Media and Communication*, 8(2): 41.
<https://doi.org/10.11114/smc.v8i2.5050>
- Levandowski, D. C., Frizzo, G. B., Donelli, T. M. S., & Marin, A. H. (2014). Assessment of Psychofunctional Symptoms in Infants of Young Mothers. Projeto de pesquisa não publicado.
- Linder L., McDaniel T. B., Jaffe H., (2022). "Moment-to-Moment Observation of Parental Media Use and Parent-Child Interaction: Quality and Media Multitasking", *Human Behavior and Emerging Technologies*, (2), 1-9. <https://doi.org/10.1155/2022/4896637>
- Mahler, M. S., Pine, F., & Bergman, A. (1975). *The Psychological Birth of the Human Infant. Symbiosis and Individuation*. New York (Basic Books).
- Mallmann, M. Y., & Frizzo, G. B. (2019). O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário? *Revista Cocar*, 7.
<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2789>

- Mallmann, M. Y., Sebben, S., Almeida, M. L., Mendonca Silva, E., & Frizzo, G. B. (2022). *Validação do Protocolo de Avaliação Da Interação Diádica*. [Manuscrito não publicado].
- Mangan, E., Leavy, J. E., & Jancey, J. (2018). Mobile device use when caring for children 0-5 years: A naturalistic playground study. *Health promotion journal of Australia: official journal of Australian Association of Health Promotion Professionals*, 29(3), 337–343. <https://doi.org/10.1002/hpja.38>
- Manjoo F. (2014). You don't have to feel very guilty about using your smartphone while parenting. The New York Times. Available at: http://bits.blogs.nytimes.com/2014/07/08/you-dont-have-to-feelvery-guilty-about-using-your-smartphone-while-parenting/?_r50
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). “Technoference”: The interference of technology in couple relationships and implications for women’s personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98. <https://doi.org/10.1037/ppm0000065>
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2018a). Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, 89(1), 100–109. <https://doi.org/10.1111/cdev.12822>
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2018b). Technoference: Longitudinal associations between parent technology use, parenting stress, and child behavior problems. *Pediatric Research*, 84(2), 210–218. <https://doi.org/10.1038/s41390-018-0052-6>
- Miller, R., & Johnson, L. N. (Eds.). (2013). Advanced methods in family therapy research. A focus on validity and change. Taylor & Francis
- Modecki, K. L., Low-Choy, S., Uink, B. N., Vernon, L., Correia, H., & Andrews, K. (2020). Tuning into the real effect of smartphone use on parenting: a multiverse

analysis. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 61(8), 855–865. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13282>

Muller, P. W., Marin, A. H., & Donelli, T. M. S. (2015). Look at the airplane! The relation between mother and infant with feeding difficulties/Olha o aviazinho! A relação mãe e bebe com dificuldades alimentares. *Revista Aletheia*, (46), 187+.
<https://link.gale.com/apps/doc/A511785229/IFME?u=anon~3397a409&sid=googleScholar&xid=77d78065>

Myruski, S., Gulyayeva, O., Birk, S., Pérez-Edgar, K., Buss, K. A., & Dennis-Tiwary, T. A. (2018). Digital disruption? Maternal mobile device use is related to infant sociaemotional functioning. *Developmental science*, 21(4), e12610.
<https://doi.org/10.1111/desc.12610>

Newzoo. (2020). *Top Countries by Smartphone Users*.

<https://newzoo.com/insights/rankings/top-countries-by-smartphone-penetration-and-users/users/>

Nobre, J. N. P., Santos, J., Santos, L., Guedes, S., Pereira, L., Costa, J., & Morais, R. (2019). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Ciência e Saúde Coletiva*, 26, (3). <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>

Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017b). *Questionário de dados sóciodemográficos*. Instrumento não publicado

Ochoa W., Reich S. M., Farkas G., (2021) The Observed Quality of Caregiver-Child Interactions With and Without a Mobile Screen Device, *Academic Pediatrics*, 21(4). 620-628 <https://doi.org/10.1016/j.acap.2020.07.012>

Padilla-Walker, L. M., Coyne, S. M., Booth, M. A., Domoff, S. E., Summers, K., Schvaneveldt, E., & Stockdale, L. (2020). Parent–child joint media engagement in

- infancy. *Infancy: the official journal of the International Society on Infant Studies*, 25(5), 552–570. <https://doi.org/10.1111/infa.12355>
- Paley, B., Cox, M. J. & Kanoy, K. (2001). The young family interaction coding system; Em P. K. Kerig & L. M. Lindhal (Orgs.). *Family observational coding systems*. 273-287. Lawrence Earlbaum Associates.
- Pew Research Center. (2017, May 25). *A third of Americans live in a household with three or more smartphones*. <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/05/25/a-third-of-americans-live-in-a-household-with-three-or-more-smartphones/>
- Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. M. (2007). Interações Diádicas e Triádicas em Famílias com Crianças de Um Ano de Idade. In: Cesar Augusto Piccinini; Maria Lúcia Seidl de Moura. (Org.). *Observando as Interações Pais-Bebê-Criança: Diferentes Abordagens Teóricas e Metodológicas*. Casa do Psicólogo, 2007, v. , p. 177-212.
- Poulain, T., Vogel, M., Neef, M., Abicht, F., Hilbert, A., Genuneit, J., Körner, A., & Kiess, W. (2018). Reciprocal Associations between Electronic Media Use and Behavioral Difficulties in Preschoolers. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(4), 814. <https://doi.org/10.3390/ijerph15040814>
- Powell, B., Cooper, G., Hoffman, K., & Marvin, B. (2014). *The circle of security intervention: Enhancing attachment in early parent-child relationships*. The Guildford Press.
- Puura, K., Leppänen, J., Salmelin, R., Mäntymaa, M., Luoma, I., Latva, R., ... & Tamminen, T. (2019). Maternal and infant characteristics connected to shared pleasure in dyadic interaction. *Infant Mental Health Journal*, 40(4), 459-478. <https://doi.org/10.1002/imhj.21786>
- Qiu, N., Tang, C., Zhai, M., Huang, W., Weng, J., Li, C., Xiao, X., Fu, J., Zhang, L., Xiao, T., Fang, H., & Ke, X. (2020). Application of the Still-Face Paradigm in Early

- Screening for High-Risk Autism Spectrum Disorder in Infants and Toddlers. *Frontiers in pediatrics*, 8, 290. <https://doi.org/10.3389/fped.2020.00290>
- Radesky, J. S., Eisenberg, S., Kistin, C. J., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016a). Overstimulated Consumers or Next-Generation Learners? Parent Tensions About Child Mobile Technology Use. *Annals of family medicine*, 14(6), 503–508. <https://doi.org/10.1370/afm.1976>
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016b). Parent Perspectives on Their Mobile Technology Use: The Excitement and Exhaustion of Parenting While Connected. *Journal of developmental and behavioral pediatrics: JDBP*, 37(9), 694–701. <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000357>
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant Self-Regulation and Early Childhood Media Exposure. *Pediatrics*, 133(5), e1172– e1178. <https://doi.org/10.1542/peds.2013-2367>
- Radesky, J. S., Leung, C., Appugliese, D., Miller, A. L., Lumeng, J. C., & Rosenblum, K. L. (2018). Maternal Mental Representations of the Child and Mobile Phone Use During Parent-Child Mealtimes. *Journal of developmental and behavioral pediatrics: JDBP*, 39(4), 310–317. <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000556>
- Ribner, A. D., & McHarg, G. (2021). Screens across the pond: Findings from longitudinal screen time research in the US and UK. *Infant Behavior and Development*, 63, 101551. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2021.101551>
- Rocha, N. A. C. F., dos Santos Silva, F. P., dos Santos, M. M., & Dusing, S. C. (2020). Impact of mother–infant interaction on development during the first year of life: A systematic review. *Journal of Child Health Care*, 24(3), 365–385. <https://doi.org/10.1177/1367493519864742>

- Rothbaum F, Weisz J, Pott M, Miyake K, Morelli G. (2000). Attachment and culture: security in the United States and Japan. *Am Psychol*;55(10):1093–104.
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.10.1093>
- Rozenblatt-Perkal, Y., Davidovitch, M., & Gueron-Sela, N. (2022). Infants' physiological and behavioral reactivity to maternal mobile phone use – An experimental study. *Computers in Human Behavior*, (127), 107038.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.107038>
- Sameroff, A. J. (2004). Ports of Entry and the Dynamics of Mother-Infant Interventions. In A. J. Sameroff, S. C. McDonough, & K. L. Rosenblum (Eds.), *Treating parent-infant relationship problems: Strategies for intervention* (pp. 3–28). The Guilford Press.
- Sameroff, A. (2009). The transactional model. In A. Sameroff (Ed.), *The transactional model of development: How children and contexts shape each other* (pp. 3–21). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/11877-001>
- Saur, B., Bruck, I., Antoniuk, S. A., & Riechi, T. I. J. de S. (2018). Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. *Psico*, 49(3), 257-265.
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.3.27248>
- Sbarra, D. A., Briskin, J. L., & Slatcher, R. B. (2019). Smartphones and Close Relationships: The Case for an Evolutionary Mismatch. *Perspectives on Psychological Science*, 14(4), 596–618. <https://doi.org/10.1177/1745691619826535>
- Schoenmaker, C., Juffer, F., van IJzendoorn, Marinus H.; Linting, Mariëlle; van der Voort, Anja; Bakermans-Kranenburg, Marian J. (2015). From maternal sensitivity in infancy to adult attachment representations: a longitudinal adoption study with secure base scripts. *Attachment & Human Development*, 17(3), 241–256.
<https://doi.org/10.1080/14616734.2015.1037315>

- Sebben, S., Almeida, M. L., & Frizzo, G. B. (2023). (in press) Maternal mental health, mother-baby interaction and digital media use. *Revista Psicologia em Pesquisa*
- Shin, H., Park, Y. J., Ryu, H., & Seomun, G. A. (2008). Maternal sensitivity: a concept analysis. *Journal of advanced nursing*, *64*(3), 304–314. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2008.04814.x>
- Smith M, Mitchell A. S., Townsend M. L., & Herbert J. S. (2020) The relationship between digital media use during pregnancy, maternal psychological wellbeing, and maternal-fetal attachment. *PLOS ONE* *15*(12): e0243898. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0243898>
- Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). (2019). #Menos telas #Mais Saúde. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient___MenosTelas___MaisSaude.pdf
- Spinelli, M., Fasolo, M., & Mesman, J. (2017). Does prosody make the difference? A metaanalysis on relations between prosodic aspects of infant-directed speech and infant outcomes *Dev. Rev.*, *44*, 1-18. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2016.12.001>
- Spruit, A., Goos, L., Weenink, N. *et al.* The Relation Between Attachment and Depression in Children and Adolescents: A Multilevel Meta-Analysis. *Clin Child Fam Psychol Rev* *23*, 54–69 (2020). <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00299-9>
- Sroufe, L. A. (2000). *Early relationships and the development of children*. *Infant Mental Health Journal*, *21*(1-2), 67–74. [https://doi.org/10.1002/\(sici\)1097-0355\(200001/04\)21:1/2<67::aid-imhj8>3.0.co;2-2](https://doi.org/10.1002/(sici)1097-0355(200001/04)21:1/2<67::aid-imhj8>3.0.co;2-2)
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia /bebê*. Artes Médicas. (Original publicado em 1995).
- Stern, D. N., & Robert-Tissot, C. (1989). *Le Kia-profil: un instrument de recherche clinique pour l'évaluation des états effectifs du jeune enfant*.

- Stockdale, L. A., Porter, C. L., Coyne, S. M., Essig, L. W., Booth, M., Keenan-Kroff, S., & Schvaneveldt, E. (2020). Infants' response to a mobile phone modified still-face paradigm: Links to maternal behaviors and beliefs regarding technoference. *Infancy : the official journal of the International Society on Infant Studies*, 25(5), 571–592. <https://doi.org/10.1111/infa.12342>
- Suhr, D. D. (2005). Principal component analysis vs. exploratory factor analysis. SUGI 30 proceedings, 203, 230. <http://www2.sas.com/proceedings/sugi30/203-30.pdf>
- Sumner, G. A., & Spietz, A. (1994). *NCAST caregiver/parent-child interaction teaching manual*. NCAST Publications.
- Tharner, A., Mortensen, A.H., Holmsgaard, E.M. & Væver, M. S. (2022). Mothers' smartphone use and mother-infant interactive behavior in the postpartum period. *Pediatr Res*, 91, 8–11. <https://doi.org/10.1038/s41390-021-01451-4>
- Tidemann, D. T., & Melinder, A. M. D. (2022). Infant behavioural effects of smartphone interrupted parent-infant interaction. *British Journal of Developmental Psychology*, 00:1-14. <https://doi.org/10.1111/bjdp.12416>
- Torres, C., Radesky, J., Levitt, K. J., & McDaniel, B. T. (2021). Is it fair to simply tell parents to use their phones less? A qualitative analysis of parent phone use. *Acta paediatrica (Oslo, Norway: 1992)*, 110(9), 2594–2596. <https://doi.org/10.1111/apa.15893>
- Tronick, E. Z. (1989). Emotions and emotional communication in infants. *American Psychologist*, 44, 112–119. <https://doi.org/10.1037//0003-006x.44.2.112>
- Tronick, E., & Beeghly, M. (2011). Infants' meaning-making and the development of mental health problems. *American Psychologist*, 66, 107–119. <https://doi.org/10.1037/a0021631>

- Tronick, E., Als, H., Adamson, L., Wise, S., & Brazelton, T. B. (1978). The infant's response to entrapment between contradictory messages in face-to-face interaction. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry, 17*(1), 1–13.
[https://doi.org/10.1016/s0002-7138\(09\)62273-1](https://doi.org/10.1016/s0002-7138(09)62273-1)
- Uzundağ, B. A., Oranç, C., Keşşafoglu, D., & Altundal, M. N. (2022). Relations Among Self-Reported Maternal Stress, Smartphone Use, and Mother–Child Interactions. *Journal of Child and Family Studies, 31*(11), 3058-3068.
<https://doi.org/10.1007/s10826-022-02371-5>
- Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2013). The differential susceptibility to media effects model. *Journal of Communication, 63*(2), 221–243. <https://doi.org/10.1111/jcom.12024>
- Van den Boom, D.C. (1994), The Influence of Temperament and Mothering on Attachment and Exploration: An Experimental Manipulation of Sensitive Responsiveness among Lower-Class Mothers with Irritable Infants. *Child Development, 65*, 1457-1477.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00829.x>
- Vanden Abeele, M., Abels, M., & Hendrickson, A. T. (2020). Are parents less responsive to young children when they are on their phones? A systematic naturalistic observation study. *Cyberpsychology Behavior And Social Networking, 23*(6), 363–370.
<https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0472>
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Imago. (Original published in 1988).
- Winnicott, D. W. (1993). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Imago. (Original published in 1965).
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. Martins Fontes. (Original published in 1987).
- Wolfers, L. N., Kitzmannb, S., Sauerb, S., & Sommerb, N. (2020). Phone use while parenting: An observational study to assess the association of maternal sensitivity and

smartphone use in a playground setting. *Computers in Human Behavior*, 102.

<https://doi.org/10.1016/J.chb.2019.08.013>

Wolfers, L. N., Wend, R., Becker, D., Utz, S., (2023) Do you love your phone more than your child? The consequences of norms and guilt around maternal smartphone use, *Human Communication Research*, 00. <https://doi.org/10.1093/hcr/hqad001>

Woodhouse, S. S., Scott, J. R., Hepworth, A. D., & Cassidy, J. (2019). Secure Base Provision: A New Approach to Examining Links Between Maternal Caregiving and Infant Attachment. *Child Development*. 91(1). 249-265.

<https://doi.org/10.1111/cdev.13224>

Yang X., Ke S., Gao L. L., (2020) Social support, parental role competence and satisfaction among Chinese mothers and fathers in the early postpartum period: A cross-sectional study. *Women and birth: journal of the Australian College of Midwives*, 33(3). 280-285. <https://doi.org/10.1016/j.wombi.2019.06.009>

Zayia, D., Parris, L., McDaniel, B., Braswell, G., & Zimmerman, C. (2021). Social learning in the digital age: Associations between technoference, mother-child attachment, and child social skills. *Journal of School Psychology*, 87, 64-81.

<https://doi.org/10.1016/j.jsp.2021.06.002>

Zhang, J., Browne, D & Madigan, S. (2022). Caregivers' psychological distress, technology use, and parenting: The importance of a multidimensional perspective. *Computers in Human Behavior*, 134. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2022.107324>

ANEXO A**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Projetos DEPSICO E SINBEBE****Estudo I - Prevalência e antecedentes da depressão pós-parto em mães primíparas**

Estamos realizando um estudo com a finalidade de investigar a ocorrência e algumas possíveis causas da depressão pós-parto em famílias que tenham o primeiro filho com até um ano de idade. Através deste trabalho, esperamos contribuir para o esclarecimento de algumas questões sobre a ocorrência ou não de depressão pós-parto nas famílias e formas de como evitá-la.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista individual, gravada em áudio, com duração aproximada de 60 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal, demográficos, da maternidade e do desenvolvimento do seu bebê. Os seus dados de identificação e nomes serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados sob hipótese nenhuma. Eles servirão apenas para caracterizarmos o público que está colaborando com a pesquisa.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após, totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____, declaro que recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e, por isso, aceito participar da mesma. Declaro que também fui informada:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- De que terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado ao meu filho;
- Da garantia que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações por mim fornecidas serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderei entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Caso eu queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone 3308-5338.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que pode ser contactado pelo fone 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br. Declaro também que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Assinaturas: Coordenadora da pesquisa: _____

Participante da pesquisa: _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estudo I: *Mapeamento de Sintomas Psicofuncionais em Bebês de Oito a Doze Meses de Idade*

Você, na condição de mãe de _____ (nome da criança), está sendo convidado a participar da primeira etapa da pesquisa **Sintomas psicofuncionais em bebês: Mapeamento e avaliação**, coordenada pela Prof^a Dr^a Daniela Centenaro Levandowski, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA, que tem como objetivo principal identificar sintomas psicofuncionais em bebês de oito a 12 meses atendidos em instituições de saúde pública de Porto Alegre e região metropolitana. Sintomas psicofuncionais são manifestações do corpo e do comportamento da criança, sem causa orgânica, que podem atingir as principais funções do bebê (por exemplo, o sono, a alimentação e a respiração). Eles necessitam ser identificados precocemente para o seu adequado atendimento, evitando-se prejuízos para o desenvolvimento de seu(sua) filho(a).

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista individual, gravada em áudio, com duração aproximada de 60 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados demográficos, da maternidade e do desenvolvimento do seu bebê. Os dados de identificação serão confidenciais e os nomes reservados. Eles servirão apenas para caracterizarmos o público que está colaborando com a pesquisa.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após, totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____, mãe da criança acima descrita, declaro que recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e, por isso, aceito participar da pesquisa. Declaro que também fui informada:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- De que terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado à criança;
- Da garantia que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderei entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski pelo telefone 3303-8826, na UFCSPA;
- Também que, se houverem dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFCSPA, pelo telefone 3303-8804

Declaro também que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, __, de _____ de 20 __.

Assinaturas:

Coordenadora da pesquisa: _____

Participante da pesquisa: _____


CEP/UFCSPA
TCLE
APROVADO
16/05/13

ANEXO B**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Projeto TECNOBB****Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos**

Estamos convidando você a participar desse estudo que tem como objetivo conhecer os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil.

Para alcançar os objetivos do estudo, será realizada uma entrevista individual, que será gravada em áudio, com duração aproximada de 40 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal e demográficos, e informações sobre o uso de tecnologias pela sua família. Também será feita uma filmagem da interação mãe-criança.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos na sala 112 do Instituto de Psicologia da UFRGS e, após este período, serão deletadas. Os riscos para participação desta pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-lo para atendimento psicológico.

Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas poderão ser ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, mas através de sua participação, será possível compreender melhor os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone (51) 3308-5111.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contatado pelo fone (51) 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br.

Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Autorizo o uso de imagem para os fins dessa pesquisa.

Porto Alegre, ___ de _____ de 20__

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo
Pesquisador Responsável

ANEXO C

Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017) -TECNOBB

1. Dados Gerais

() Mãe () Pai

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____ anos

Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____ Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade/UF: _____ Telefone () _____

Email: _____

Status de relacionamento: () solteiro(a) () namorando () casado(a) () morando junto () separado(a)/divorciado(a) () viúvo(a)

Se casado ou morando junto, tempo de união: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - série ____ () Ensino Médio - série ____ () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual sua ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

() Nenhuma renda () De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00)

() Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00) () De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00)

() De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00) () De 12 a 15 salários mínimos (R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00)

() De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00) () Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00)

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

2. Dados do companheiro(a) atual

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____ anos

Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____ Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefone: _____ Email: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - série ____ Ensino Médio - série ____ Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

Seu companheiro (a) tem outros filhos? () sim () não Quantos? _____ Idades: _____

3. Dados sobre seu filho(a)

Data de nascimento: ___/___/___ **Idade:** _____ anos

Local de Nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Possui irmãos: () sim () não

Quantos? _____ **Idade outros filhos** _____

Frequenta creche/escola: () não () sim, particular () sim, pública

Quantas horas por semana: _____

Seu filho nasceu a termo? () sim () não

Nasceu com _____ **semanas**

Seu filho tem algum problema de saúde () não () sim. Qual?

ANEXO D

Questionário de Dados Sociodemográficos da Família (NUFABE, 2013) -

SINBEBE/DEPSICO

(Adaptado de NUDIF, 2008)

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você, seu marido/companheiro, e sua família:

MÃE DO BEBÊ

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos

Endereço completo: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____

Celular: _____ Fone recados: _____

E-mail: _____

Local de nascimento: () Porto Alegre () Grande Porto Alegre () Interior, onde?
_____ Caso seja **do Interior**, mas morando na Grande Porto Alegre, há
quanto tempo mora aqui? _____ meses/ano

Por que? _____

Até que série estudou?

() nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série

() Superior () Curso Técnico _____ () Pós-Graduação _____

() Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim, o que? _____ Você já reprovou? () não () sim, quantas
vezes? _____ Em que série?_____ Estado civil: () solteira () casada ()
separada/divorciada () viúva () morando junto () está namorando Caso seja casada ou esteja morando
junto, desde quando? _____/____/_____

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentada

Que tipo de trabalho você faz (explicitar)? _____. Quantas horas ____ horas/dia

Você é remunerada? () sim () não Qual o valor? R\$ _____

(Em caso negativo, perguntar)

Você já trabalhou? () sim () não

O que você fazia? _____

Você recebia? () sim () não Qual o valor? R\$ _____

Caso trabalhava, mas parou, por quê? _____

DADOS DO PAI DO FILHO/A (alvo da pesquisa)

Seu companheiro atual é o pai do/s seu/s filho/s? () sim () não

É pai apenas do filho alvo da pesquisa? () sim () não

Nome marido/companheiro: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos

Local de nascimento: () Porto Alegre () Grande Porto Alegre () Interior, onde? _____

Endereço completo: _____ Bairro: _____ Cidade: _____

Fone: _____ Celular: _____

E-mail: _____

Até que série ele estudou?

() nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série

() Superior () Curso Técnico _____ () Pós-Graduação _____

() Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim, o que? _____

Ele já reprovou? () não () sim, quantas vezes? _____. Em que série? _____

Seu marido/companheiro trabalha? () sim () não () aposentado

Que tipo de trabalho ele faz (explicitar): _____ Quantas horas? ____ horas/dia

Qual o horário? _____

Ele é remunerado? () sim () não Qual o valor? R\$ _____

(Caso não estiver trabalhando) () não sabe

Qual era o trabalho anterior dele? _____

O seu marido/companheiro tem outros filhos? () não () sim. Quantos? _____

Idade com que teve o(a) primeiro(a) filho(a): _____ anos

DADOS DO FILHO/A (alvo da pesquisa)

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____ meses

Local de nascimento: () Porto Alegre () Grande Porto Alegre () Interior, onde? _____

A criança frequenta creche/escolinha? () sim () não

Com que idade ele(a) começou a frequentar a escolinha/creche? _____ meses

A escolinha/creche é: () municipal () estadual () particular () creche informal (pessoa que cuida crianças em casa)

Caso não frequente a escola, quem costuma cuidar do bebê?

() mãe () pai () avó () irmão(ã) () tia () babá/empregada

() vizinha () outro. Quem? _____

Idade da primeira gestação: _____ anos

Tem outros filhos além do bebê? () sim () não. Quantos _____

Idade	Sexo
Filho 1 _____ anos	() F () M
Filho 2 _____ anos	() F () M
Filho 3 _____ anos	() F () M
Filho 4 _____ anos	() F () M
Filho 5 _____ anos	() F () M

Ordem de nascimento do bebê: () primogênito () segundo filho () terceiro filho () quarto ou mais filho

ASPECTOS DA MORADIA ATUAL:

Quantas pessoas moram na casa, incluindo você: _____

Quem são os moradores da casa? _____

Quantas pessoas trabalham? _____

Caso ninguém trabalhe, quem sustenta a casa? _____

Renda mensal aproximada: R\$ _____

Gostaria de saber algumas características da sua casa:

- A casa é de: () madeira () material () mista
- Nº de quartos: _____ Nº total de peças _____
- Na sua casa tem: Água encanada? () sim () não
- Luz elétrica? () sim () não
- Esgoto? () sim () Não

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM MATERNA

Avó Materna

Idade: _____ anos Idade com que teve o primeiro filho: _____ anos

Ordem de nascimento da mãe do bebê: () primogênita () segundo filho () terceiro filho () quarto ou mais

Número de irmãos: _____

Avô Materno

É seu pai biológico: () sim () não (Caso não seja) Você conhece seu pai biológico? () sim () não

Idade: _____ anos Idade com que teve o primeiro filho: _____ anos

Vivem juntos? () sim () não Há quanto tempo? _____ anos

(Caso não)

Por quê? _____

Nova união: Pai () sim () não Tempo: _____ anos

Nova união: Mãe () sim () não Tempo: _____ anos

DADOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM PATERNA:**Avó Paterna**

Idade: ___anos Idade com que teve o primeiro filho: _____ano

Ordem de nascimento do pai do bebê: () primogênito () segundo filho () terceiro filho () quarto ou mais filho

Número de irmãos: ____

Avô Paterno

É o pai biológico do pai do bebê? () sim () não (Caso não seja) Ele conhece o pai biológico? () sim () não

Idade: ___anos Idade com que teve o primeiro filho: _____anos

Vivem juntos? () sim () não Há quanto tempo? _____anos

(Caso não) Por quê? _____

Nova união: Pai () sim () não Tempo: _____anos

Nova união: Mãe () sim () não Tempo: _____anos

DADOS DO COMPANHEIRO ATUAL (perguntar somente se o pai do filho alvo da pesquisa NÃO for o companheiro atual)

Nome marido/companheiro: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____anos

Local de nascimento: () Porto Alegre () Grande Porto Alegre () Interior, onde? _____

Endereço completo: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____

Celular: _____ E-mail: _____

Até que série ele estudou?

() nenhuma () Ensino Fundamental - ___série () Ensino Médio - ___série

() Superior () Curso Técnico _____ () Pós-Graduação _____

() Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim, o que? _____

Ele já reprovou? () não () sim, quantas vezes? _____. Em que série? _____

Seu marido/companheiro trabalha? () sim () não () aposentado

Que tipo de trabalho ele faz (explicitar)? _____ Quantas horas? ____ horas/dia

Qual o horário? _____

Ele é remunerado? () sim () não Qual o valor? () não sabe

R\$ _____

(Caso não estiver trabalhando)

Qual era o trabalho anterior dele? _____

O seu marido/companheiro tem outros filhos? () não () sim. Quantos? _____

Idade com que teve o(a) primeiro(a) filho(a): _____anos

ANEXO E**Interaction Assessment Procedure (IAP)**

(Adaptado de Wiese & Leenders, 2006)

Lembre-se de sempre higienizar os brinquedos com álcool gel antes da chegada da família.

Ao começar a filmagem use uma claquete ou fale: 1) Nome do entrevistado; 2) Nome do entrevistador; 3) Data da entrevista; 4) Instrumento utilizado (Avaliação da interação).

Se o bebê não se senta sozinho, coloque o bebê-conforto em frente à mãe, que pode ficar em pé ou sentar-se numa cadeira. No IAP (inspirado no *KIA-profil* de Stern et al., 1989) a interação pais/criança é registrada em vídeo seguindo a seguinte sequência e tempo:

- brincar sem brinquedos (± 4 minutos)
 - Peça à mãe que brinque com o bebê como costuma fazer em casa
 - brincar com brinquedos (± 8 minutos)
 - Ofereça a caixa de brinquedos que contém bola, boneca, livrinhos, carrinhos, chocalho, peças de encaixe (certifique-se de retirar o brinquedo que será usado na próxima etapa)
 - ensinar (± 3 minutos)
 - Ofereça o brinquedo com peças de encaixe ou a abelhinha que tem cordinha para emitir som e peça para a mãe ensinar criança a usar o brinquedo
 - ignorar (± 3 minutos)
 - Pedir que a mãe leia uma revista, mas ao alcance do olhar do bebê
 - separar (1 minuto)
 - Peça que a mãe saia do campo de visão do bebê
 - reencontrar (± 5 minutos)
 - Diga para mãe brincar como desejar com o bebê
- Tempo total: $\pm 25/30$ minutos

ANEXO F

Protocolo de Avaliação da Interação Diádica

(NUDIF, 2003, baseado em Cox, 1998, Ainsworth & cols., 1978)

N.º caso: _____ Codificador _____ () Mãe-criança () Pai-criança

O codificador é orientado a se perguntar: “Esta categoria é característica (escores de 4 ou 5) ou não característica (escores de 1 ou 2) da díade observada?”

Categorias de Comportamentos Infantis

	Escores totais
<i>Envolvimento com o ambiente</i>	
Explora o brinquedo	
Explora o ambiente	
Em caso de bebês bem pequenos, considerar se explora com o olhar o ambiente	
<i>Interação com o cuidador</i>	
Busca de contato e proximidade	
Mantém contato visual com genitor	
Responde à fala do genitor e/ou brincadeiras propostas	
Manutenção de contato	
Interação à distância	
Não- esquiva	
Não-resistência	
<i>Afeto positivo</i>	
Apresenta vocalizações positivas	
Sorri e/ou dá gargalha	
Abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto	
Movimenta o corpo para demonstrar entusiasmo	
<i>Afeto negativo</i>	
Apresenta vocalizações negativas	
Chora	
Embotamento afetivo	
Sono por desligamento (diferente de sono por estar relaxado/cansado)	
Expressa descontentamento	
Fica irrequieta	
Demonstra raiva e/ou hostilidade	

Categorias de Comportamentos <u>Parentais</u>	Escores totais
<i>Sensibilidade</i>	
Fornecer limites adequados à natureza da atividade e ao nível de entendimento da criança	
Fornecer um nível de estimulação e/ou uma variedade de atividades	
Responder ao conteúdo da fala e/ou atividade da criança	
Aproveitar o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade	
Propor brincadeira/atividade, mas respeitar o interesse da criança	
Respeitar o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade	
Mudar o ritmo quando a criança parece pouco estimulada, superexcitada ou cansada	
<i>Estimulação cognitiva</i>	
Ensinar /dá oportunidade de experimentar materiais que ilustram ou ensinam conceitos	
Encorajar as tentativas de domínio da criança ou a desafiar para tentar novas atividades	
Apresentar atividades em uma sequência organizada de passos	
Fazer comentários ou perguntar sobre brinquedos/objetos	
Mostrar à criança como utilizar um brinquedo	
Estimular a linguagem da criança e suas verbalizações	
Nomear as experiências da criança	
<i>Afeto positivo</i>	
Mantém contato visual enquanto interage	
Falar em tom de voz afetuoso	
Sorrir e/ou dá gargalhada	
Abraçar, beijar ou mostrar outras expressões físicas de afeto	
Entusiasmá-la com o que a criança está fazendo	
<i>Afeto negativo</i>	
Apresentar expressões faciais negativas	
Falar em tom de voz seco	
Repreender de forma hostil ou exagerada as atitudes da criança	
Utilizar sarcasmos, deboches, ironias	
Ameaçar	
Gritar	

<i>Desengajamento</i>	
Não acompanha visualmente a atividade da criança	
Não responde às vocalizações, sorrisos ou outros comportamentos da criança	
Ignora coisas interessantes que a criança faz	
Apresenta objetos à criança sem convidá-la à interação	
<i>Intrusividade</i>	
Não permite que a criança faça escolhas ou selecione atividades /brinquedos	
Insiste que a criança faça alguma coisa sem estar interessada	
Modifica a atividade quando a criança aparenta interesse	
Invade o espaço da criança	
Oferece uma barreira à interação	

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

----- Page 1-----

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil

Pesquisador: Giana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69947117.6.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.316.472

Apresentação do Projeto:

Visto que ainda são escassos os estudos desenvolvidos pela Psicologia, que incluem a compreensão desse impacto no desenvolvimento infantil e nas interações pais-bebês, novos estudos são urgentemente necessários para o entendimento desse fenômeno, especialmente no contexto brasileiro. Dessa forma, poder-se-á obter recomendações mais claras para orientar as famílias sobre o uso das tecnologias por bebês até 3 anos de idade. Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês. Será utilizado um delineamento misto, qualitativo e quantitativo para compreender o impacto do uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil. Diversos autores, no contexto nacional e internacional (Creswell, 2010; Flick, 2009; Günther, 2006), têm defendido o uso de delineamentos mistos, afirmando que, conforme os objetivos da pesquisa, tais metodologias devem ser integradas, para que se consiga dar conta da complexidade da realidade social e da conduta humana.

Assim, o uso de um delineamento misto contribui para reforçar a validade, a confiabilidade, a adequação e a complexidade dos achados do estudo (Flick, 2009). O presente projeto é constituído por três

estudos, que serão descritos detalhadamente a seguir. Estudo 1- Grupo focal sobre o uso de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail:
cep-psico@ufrgs.br

Página 01 de 03

----- Page 2-----

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO

Continuação do Parecer: 2.316.472

tecnologias nas famílias com bebês; Estudo 2- Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas. Estudo 3- Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês.

Objetivo Secundário:

- Compreender qualitativamente o uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através da metodologia de grupo focal; - Fazer um levantamento quantitativo do uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através de um survey on-line; - Compreender o desfecho do uso das tecnologias, a qualidade da interação mãe-bebê, a saúde mental materna para o desenvolvimento infantil de bebês até 3 anos de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo autoras "os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-los para atendimento psicológico."

Benefícios:

Conforme autoras, "não há benefícios diretos ao participar desta pesquisa, mas através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados, através de mais conhecimento sobre a temática que o estudo irá proporcionar."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada do ponto de vista teórico e metodológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos foram reformulados e estão agora adequadamente redigidos.

Recomendações:

Não há mais recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
 Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail:
 cep-psico@ufrgs.br

Página 02 de 03

----- Page 3-----

UFRGS - INSTITUTO DE
 PSICOLOGIA DA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO

Continuação do Parecer: 2.316.472

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Autor	Arquivo	Situação
Postagem			
Informações			
Básicas	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P		17/09/2017
Aceito			
do			
Projeto	ROJETO_942365.pdf		23
:00:37			

Projeto Detalhado
 / ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEPpar 17/09/2017
 ELISA CARDOSO Aceito
 Brochura ecer2.doc
 23:00:06 AZEVEDO
 Investigador
 TCLE / Termos
 de TCLEatualizadoparecer2.doc 17/09/2017
 ELISA CARDOSO Aceito
 Assentimento
 / 22:59:39
 AZEVEDO
 Justificativa de
 Ausência
 Declaração
 do autorizacaocomomsensemedia.docx 15/08/2017
 ELISA CARDOSO Aceito
 Patrocinador
 22:41:39 AZEVEDO
 Projeto Detalhado
 / ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEP.do 15/08/2017
 ELISA CARDOSO Aceito
 Brochura c
 22:38:56 AZEVEDO
 Investigador
 TCLE / Termos
 de TCLEatualizado.docx 15/08/2017
 ELISA CARDOSO Aceito
 Assentimento
 / 22:36:32
 AZEVEDO
 Justificativa de
 Ausência
 Outros compesq.pdf
 19/06/2017 Giana Bitencourt Aceito
 14:54:55 Frizzo
 Folha de
 Rosto rosto.pdf 19/06/2017
 7 Giana Bitencourt Aceito
 14:52:51 Frizzo

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

2017 PORTO ALEGRE, 05 de Outubro de

Assinado por:
Clarissa Marcelli Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail:
cep-psico@ufrgs.br